



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª

SEXTA-FEIRA 4 DE NOVEMBRO.

Ns. 712—713.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1,75 rs. por serie de 10 numeros; 5,75 rs. por seis series; folha avulsa 100 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
3 de novembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias correctivas para uns rapazes caixeiros que reúnem-se debaixo do guindaste do consulado, jogando *ponga*, *damas*, etc., etc., os quaes alem das patifarias e algazarras que fazem, compram doces ás pretas que ali vendem, e na occasião de pagar, não o querendo fazer, tratam de esbordoal-as.

Sendo esse procedimento irregular e indigno da classe á que elles pertencem, espera-se de S. S. uma reprimenda para esses estabanados.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, pedindo-lhe que faça cessar o procedimento irregular de umas mulheres, moradoras no becco da Inocencia, ladeira das Hortas, as quaes fazem o despejo de trampa e outras porcarias no meio da rua, não obstante haver ali perto um cano para esse fim.

Espera-se providencias.

—No domingo 30 do passado reuniram-se no salão da sociedade *Monte-Pio dos Artifices* os typographos, livreiros e lytographos, afim de formarem uma associação de socorro mutuo, sendo os iniciadores da ideia os Srs. Domingos Francelino da Silva, Eduardo Daniel Galvão e Joaquim Cassiano Hyppolito.

Depois de apoiada e approvada a ideia pelos artistas das classes acima, que achavam-se presentes, elegeram a meza provisoria, que ficou assim organizada:

Presidente—Capitão João Capistrano Fernandes.

1.º Secretario—Alferes Joaquim Cassiano Hyppolito.

2.º dito—José Odorico Paranhos.

Elegendo-se depois uma commissão para redigir os estatutos, que hão de regularisar a gerencia da mencionada associação, deu o resultado seguinte:

Manuel Honorio da Silva, relator.

João Cancio da Silva.

Ignacio Hermogenes Cajneiro.

André Pereira.

Benigno Vicente Dantas.

—Estou inteirado.

O Supremo Architecto do Universo que os ajude a realisar sua tão santa e philantropica ideia.

—Que tiros são estes aqui por Itapagipe?

—São certos sujeitos que andam pelas roças passarinhando.

—Oh! pois caçar-se aqui, por onde transitam tantas pessoas, e, alem do mais, nesta epocha em que muitas familias se acham n'este bairro para passar a festa?

—Em todos os domingos e dias santos ouvem-se em diversos logares tiros dos taes passarinhadores.

—Então é bom, para prevenir algum resultado funesto, pedir ao Sr. Dr. chefe de policia providencias a respeito.

—Acho prudente.

—Está iniciada na Bahia a sociedade de socorros mutuos—para as tres classes que symbolisam a imprensa—a typographia, a livraria e a lytographia.

—Já era tempo!

—Filhos do trabalho, os apóstolos d'essa nobre arte—facho da civilização que guia o homem no caminho da perfectibilidade, pensaram no futuro que os aguardava e só viram diante de si pobreza, abandono e decepção!

O typographo, principalmente, emquanto moço, trabalha, é o interprete da communicação dos grandes pensamentos, das ideias philantropicas, dos conhecimentos uteis; mas chegando á meia idade, o incessante labor lhe tem exaurido as forças, a vista está cansada e gasta pelas noites passadas no trabalho e muito antes que a velhice chegue, o typographo já está inutilisado para sua profissão.

Si é conservado na officina é sempre a titulo de contemplação do proprietario.

D'ahi surgiu a ideia da associação de socorros mutuos.

Ideia grandiosa e sublime, tão elevada como a cuniada dos Andes, porque ella encerra o pensamento do amor do proximo e o exercicio da charidade christã!

—Que não sossobre ella, como outras muitas tentativas que tem sido feitas nesta terra.

—Os filhos da imprensa devem comprehender que está no seu interesse a sustentação da sociedade de socorros mutuos.

Lucidio Mascarenhas, artista distincto, e coração generoso, vendo a decadencia em que tinha cahido a arte typographica, tentou reerguel-a congregando os collegas para a fundação de uma associação; seus esforços foram frustrados. Hoje a experiencia deve servir de proveitosa lição.

—O homem e as classes tem necessidade de congregar-se para o bem commum.

Alem da santa, porem estreita sociedade que se chama familia, o homem é impellido por mil necessidades a fazer parte de uma sociedade mais vasta.

—Entre outros, ha um pensamento de grande alcance na fundação da sociedade; é o estabelecimento de um jornal.

—Sim, Sr., é bem lembrado. As sociedades typographicas das outras provincias tem seu jornal.

Os primeiros redactores de jornaes, que houveram, foram os typographos de Moguncia e Strasburgo. Foram elles que por sua conta e risco publicaram os primeiros jornaes, sendo o primeiro que veio á luz no anno de 1457, isto é, 21 annos depois da invenção da imprensa por Guttemberg. Esses periodicos duraram de 1457 a 1460.

—Depois então é que começaram a colaborar em Veneza as *Notizie seritt*, em manuscrito, as quaes eram cedidas á um e á outro curioso que pagava uma *gazeta*, pequena moeda, por leitura que nellas fazia.

E' d'ahi que ficou-se chamando as folhas periodicas *gazeta*.

—Que preconceitos banaes, mal entendidas prevenções não venham burlar a realisação do edificio que estende ao porvir de uma classe inteira.

—Foi raptada, no dia de finados, na rua do Rosario em Itapagipe, uma menor de desesete annos, por um rapazinho tambem de menor idade.

—Já tive communicação d'esse facto pelo agente encarregado da nossa policia secreta, n'aquelle bairro.

—O subdelegado, tendo sciencia do rapto, deu as providencias necessarias.

—Tambem me foi isso communicado, e já hoje devem estar raptada e raptor unidos pelos laços matrimoniaes.

Receba o Sr. subdelegado do 2.º districto, a freguezia da Penha nossos cumprimentos pela maneira por que providenciou sobre o occorrido.

—Ha creaturas que entendem forçar os preceitos da natureza!

No domingo, no fogo dos Afflictos, appareceu um homem vestido de mulher.

Um gaiato, vendo aquella mulher e suppondo ser alguma *menina feliz*, foi bachuleal-a e encontrou-se com o *rigoroso infano*.

Descobriu porem o engano em que estava, e viu que a supposta mulher era um ex-voluntario do 54.

Reuniram-se diversos rapazes e pozeram a roupa do *cujo affeminado* em tiras, sendo a saia levada feito bandeira por um dos sujeitos, que o esbordoaram.

Eis que por fim apresentou-se a policia, e por sua vez espanca tambem o povo.

—Que terra, meu Deus!

—Chegue aqui para ver uma cousa.

—Já estou enfatiado de ver soldados; a guarda da Correção passa todo dia aqui.

—Mas desta vez ha o que admirar.

—Será algum boi com duas cabeças?

—Ora veja lá.

—O que é, Sr.! um soldado na forma de pés no chão!

—Não é tão bonito?

—Triste e deponente acho eu.

—Entretanto o Sr. está vendo com seus olhos, hoje quinta-feira 27 de outubro.

—Capitão, ouça esta e ajuize como lhe parecer.

—Estou ouvindo.

—Um homem, mora ha seis annos em uma casa e deve um quartel. O proprietario manda exigir esse pagamento; o inquilino vac ter com elle e pede-lhe que espere enquanto acaba uma obra que está fazendo e com cujo dinheiro pretende pagar-lhe.

Mas o proprietario diz que tem tambem uma obra e quer que o homem lhe vá trabalhar. Este desculpa-se que está obrigado por um compromisso, a que não quer faltar, porem que, si a obra se pode adiar, elle logo que conclua a que tem entre mãos, virá encarregar-se della, o que será até uma vantagem para elle.

O proprietario insiste que não quer adiar e o inquilino que não pode largar o que está fazendo e nisso ficam.

A cousa passou-se n'um sabbado; na segunda-feira ás 5 horas da manhã o artista sabe para seu trabalho, deixando sua mulher em cima da cama parida; ás 6 horas recebe a noticia do que a casa estava litteralmente destelhada!

—E quem mandou destelhar?

—O proprietario.

—Isso não se faz!

—Mas fez-se.

—E' zombar da pobreza, é pisar a indignancia.

—Pergunto eu: si a mulher desse homem, parida como se acha, tiver um choque, que lhe resulte grave incommodo, quem será responsavel?

—O pobre do marido, alem de desfeitoado, é quem ha de se virar de dentro para fora.

—Ainda em cima ha de pagar ao Dr. Domingos Carlos ou a outro qualquer medico que lhe vá ver a enferma!

Esta é bem lembrada!

—Meu charo, quem é pobre aqui, vale menos que cachorro.

o dia de finados.

HODIE MIHI CRAS TIBI.

Eis as scenas do mundo! Oh quantos hontem Riam-se alegres que hoje em pranto envoltos Veem tributar á amigos e á parentes,

Na morada da morte

O pranto da saudade!

(Canticos Lyricos—Teixeira e Souza.)

Hoje é dia de pranto e de saudade!
Vinde, vinde, fideis, ver charos ossos;
Vinde regar as mestas sepulturas
Co'as lagrimas da dor e junto dellas
Erguer ao ceu da piedade as preces.

(Gemidos poeticos sobre os tumulos—Dr. L. De-Simoni.)

O funebre cypreste, o som tetrico do bronze, o silencio sepulchral das campas, as pompas luctuosas, esse ar merencorio e triste que transparece no rosto macilento dos vivos, todas essas scenas do mundo, traduzem o nada da terra e o tudo da eternidade.

O que vale o homem perante a morte?

Os alterosos castellos cujas ameias tocavam as fimbrias das ethereas nuvens, eil-os desfeitos no pol!

Onde os templos de Balbek, Tadmor e Jerusalem? Onde os baluartes de Ninive, e os jardins da soberba Babylonia? Onde Persepoles, Thebas, Ecbatana?

Por sobre as suas ruinas descansa o pe a famulenta morte!

So ella triumpha.

Nada valem as concepções humanas ante o seu poderio! . . . Tornam-se em lemur, em po, em zero. . .

Alexandre quer em um so olhar cubigoso, descortinar o mundo inteiro! Julga-se um Deus; porém um Deus não morre, e eil-o como o poeta disse:

Da idade em meio victima da morte.

• Onde os planos incommensuraveis do vencedor da Europa?

Nem sempre o anjo da victoria lhe havia de sorrir. . .

O anjo da morte deteve-o com a sinistra em Waterloo e com a dextra indicou-lhe Santa Helena!

Que gloria ha em ser Nero. Caligula, ou Gengis-Kan.

Um monstro não tem renome! Quando caher moribundo, « arqueja e morre, o mundo « applaude, a humanidade exulta! »

Pauperrima humanidade!

Hontem ostentava o *Alarico* os fastos de sua gloria, hoje preferira um *Iro* ser, mas não existe.

Sempre a morte!

Na morada eterna dos mortos é que o verdadeiro amigo se reconhece. . . Eil-o triste e abatido junto a lousa, onde repousam as reliquias de um corpo que outr'ora habitado fôra, não por uma alma venal, dessas que o mundo é cheio, mas por uma alma pura e santa, como o incenso que o levita mandou aoa pés de Deus.

Sobre os tumulos o verdadeiro christão chora a perda dos seus, mas os olhos d'alma lhe sorriem ledos porque sabe que o espirito do justo repousa, fruindo os gozos da eterna luz, no seio do seu Creador.

Mas si o impio pranteia o impio é so por que lhe falta o consocio dos seus nefandos crimes! . . .

Contempla, mortal, estes quadros luctuosos, que se desenham ante teus olhos, com o pranto da dor e da saudade.

O que vés?

Acaso as piramides e obeliscos onde os egypcios conservavam os seus cadaveres? Acaso o monticulo de areia da cidade de Alexandre elevado pela piedade de um liberto e de um soldado aos manes do immortal Pompeu? Ou quem sabe si o tumulo de Cicero ou a estatua de Catão?

So destroços da morte!

Si por entre a multidão dos monumentos obscuros e de nomes desconhecidos encontrares algum epitaphio simples ou grotesco, não te sorrias.

Quem sabe si esse tumulo não encerra o involucro de uma alma christan que talvez nessa hora esteja aos pés de Deus pedindo por ti?

Curva-te e passa.

Como é sublime a mudez dos tumulos! E quanta religião não encerram elles? Que o digam *Foscolo* o *Pindemont*, que o diga *De Simoni* nos seus *Gemidos Poeticos*.

Meditando sobre os tumulos o philosopho encontra materia para pensar que na vida humana a gloria é um accidente. *La gloire n'este qu'un accident dans la vie humain*.

Pois bem, mortal, detem-te na carreira do vicio que desenfreado abraças. Recorda-te da terna e virtuosa esposa, dos filhinhos charos, que de ti carecem.

Sê compassivo.

Esse a quem ha pouco, em troco de um sorriso protector, o fel da lisonja offerencias, como si fosse saboroso nectar, de ti zombando cuspir-te-ha no rosto o sarcasmo do desprezo.

Não te curves tanto.

Queres ouro, so ouro, pompas, so pompas, embora sacrifiques os mais bellos preceitos da san moral, e não te lembrás que das pompas e do ouro a morte zomba?! Conforma-te com as leis sublimes da virtude; o deia o vicio; a ideia má do crime não consente na mente.

Medita sobre estes tumulos erguidos pela piedade christan... Recorda a causa dos teus remorsos; não te elevés além do que tu és: não calques a humanidade de que és parte, que um dia tambem serás calcado.

Arrepende-te.

E so assim poderá tua alma sorrir tranquilla aos paramos do ceu.

2 de novembro.

A PEDIDO

—Bença, xinhá capitão.

—Adeus, preto. O que queres?

—Cum ríença. Iô ven pedi ossincellence pra mandá muxinguêro metê taca ni cara di braneq qui tan munto xicarado.

—Negrol Pois tens a ousadia de vires pedir para se castigar um branco!

—Tem pacença, capitão, sicuta; cõ nan tem valimento qundo acção nan pressa. Negro tem mai vregonha ni sola di pé de qué branco refuga, cuma iêsse ta. Iêsse é fundo di panela de caboco. Iêsse ta *facô-facô*.

—Quem é elle?

—É *Jyon Crimacoria*.

—Quem! negro?

—Sipera, capitão, é un caxoro qui de premeiro ta cu amizade grande cum *Xico* di *guera*. *Xinha Xico* é qui dá cumê a êre, dá sapato, dá *xocotô*. Êre fica ni casa catando *pevide* pra fazê carurú. Tafé! xicarado, malandé.

Nan qué trabaia, fica socado ni casa *feito muiê*.

Ni meu tera nan si usa esse.

—Que lingua de negrol

—Iô tan farando vredade pra xinhá capitão.

Ni tempo que isso contecê iô passa ni porta di *Xinha Xico*; iô tan bresevando zun-zun di anani turo qui tan farando de pouco vregonha do *Crimacoria*.

Agora não; *Crimacoria* achou muiê *vêia* qui dá casa pra ere vae *cobrá arugué*.

—Negro, quem te diz tanta cousa?

—Êre ja botá diei, o ni pento dua veze; muiê qué mandá *xotá* êre pra infreno; êre vae joeiar ui pé di moradô di casa pra fallá cum dona qui deixa êre ficá.

Crioura tan morando ni loja di sobrado qui êre tan *cobrandá arugué*. Esse crioura chama... chama... *E... va!*... ja si queu nome di êre.

Capitão tuma sentido ni cõsa de procaria qui esse branco safado fazê. Nosso preto nan faz esse.

Crimacoria soccá dia entero ni casa di crioura; nan dá dieiro e fica patando tempo di rapariga; *amacorin* qué entrá nan pode. pruguê êre tan la enchendo sala de prena. Nan qué dá pra fubá, tá tomando logá.

Quando mei di casa venceu; êre dizê a rapariga —denxa tá, qui iô nan cobra ni mão di ossê. Cuma êre mêmo é qui tá *prucarador* di casa, crioura creditou ni paravra de mentiroso.

Vencen áa meze, crioura tan decansada, pruguê êre lizê qui nan tem susso di dieiro. Quando ter a trei meze, *Crimacoria* sahe caradinho, vas ni praça, chama dua meirinho, manda tirá trasse turo di rapariga.

Iêsse tá acção di mureque, acção de xibiu.

Pra qué sereve cabero qui esse xicarado tem ni cara?

Vredade é! Negro di cara lnhada tem sentimento mai di qué esse branco qui ta cum cara di cavarô gazo.

Rapariga, coitado, pru fiá nesse cõsa *quim*, ficô dromindo ni siteira ni chão; êre tuma cama, tuma candera, tuma mariqueza, tuma meza, tuma catiga.

Iêsse *Crimacoria* ta *olé vredadeiro*. Precisa mettê taca cum froça ni cara di êre.

Crimacoria dizê que ta ni *pratido vremeio*.

E'man!... si vremeio tem gente di esse ta predido. Esse nan siribe nemi pra capaxo.

—Basta, pae, não me masses.

—Sitara di êre ta cumprida cumo caminho di *Tapoan*; vae *xicançá*; iô vrotá logo.

—Muxingueiro.

—Prompto.

—Vae saber que enrola é essa. Esta mu-

lher está toda pisada e maltratada. Diz que a chamaram para servir em uma casa e a paga que lhe deram foi muita pancada.

—Como se chama, senhora?

—Maria da Soledade.

—É o boa chita de seu amo?

—João.

—Vamos, que si for como diz, eu pinto com o sujeito. O capitão dá licença, não?

—E até não quero que volte cá, sem trazer o á minha presença.

—Hei de embrenhar-me ahi por essas *silvas* agrestes até descobri-lo.

Os revezes da *commandita* «*olho vivo*» no espaço de uma *quinzena*.

Vejam:

Desapparecimento do *Pinto Cattête*, abandonando a questão, sem gastar o *conto de réis* em *fixas*, segundo o pacto da *commandita*.

Transacção com uma letra de duzentos *bodes*, rebatida com 40 % pelo *celebre agiota do pelourinho*.

Aprisionamento dos *noventa e cinco mil* homens, sem darem pela estratégia de *nos* *sos generaes*.

Posse das *chaves*... não sendo todavia precisas, para que, antes que elles entrassem, entramos nós, a fim de acautelar o *pouco* ou *nada* que resta da fazenda alheia.

Os bons officios do *yaya cabocolinho*, depois de nos ver dentro da casa, porque até o presente só tem servido para *engrossar demandas*.

Entrada da *commandita Pinto, João, Bandeira & Custodio* na ultima scena do drama para terminar o acto.

Despejo e confiscação de parte dos moveis para pagamento de aluguel e custas até final sentença.

Supreza da *baixa gente* por nos ver sabado á noite na posse do objecto questionado.

Finalmente... embargo do *Cattête* no caracter de *senhor e possuidor* da *casa* e bens embargados, depois de *noventa dias* passados.

Ca... ca... ca... *fiau... fiau... fiau...* ó bobo, olha que esta nova questão serve unicamente para te reduzir ao *nada*, porque a farelo como estás, tua gente pode ainda pastar e dar pasto.

(*Continúa.*)

(*Continuação do yoyo do ceu.*)

—A voraz sêde de luxo que devora *yoyo do ceu* é que o leva á essa vida de continuadas alicantinas e trapaças; o desejo de ostentar opulencia o arrasta a esses meios condemna-

dos, á essa torpe pilhagem do suor alheio.

Alma polluida, embebida no lodaçal do vicio, ante seus insaciaveis e hediondos desejos não ha termo justo e honesto que se autopenha.

Simulando um ar serio e gravidade fingida, o bandido atravessa as ruas com ar imponente, hombreado-se com os caracteres puros com as honestidades immaculadas!

Miseravel e iniquo, que disfarçado com a luva branca, occulta nas mãos calliginosas as chagas da perversão!

Gelado coração que brilha debaixo dos botões do brillantismo da moda.

Verdadeiro illote social, cabeça desmiolada, cuja caspa occulta o frisamento do cabello.

É lazaro; porem mais pôdre d'alma que do corpo!

E a sociedade tão cheia de preconceitos tolera que esse ser coberto de mazellas moraes se confunda no turbilhão com as consciencias puras!

Por algum tempo dispôz *yoyo do ceu* da agencia do *curadouro*, mas elle ahi não curava, matava; assassinava a fortuna d'aquelles que cahiam na sua dependencia.

Yoyo do ceu ostentou um luxo asiatico, uma grandeza de principe. Em outra terra que não fosse Latronopolis, a policia se poria alerta e a moralidade do governo teria que ver no fausto que sustentava o Vampa.

Habitou em sumptuoso palacio; gastou dinheiro ás mãos cheias para adornal-o: pintura luxuriante, moveis de admiravel exquisitez, cortinados de custosos e raros estofos, repuchos, singularidades, artefactos de primor, tudo que a superfluidade e o desperdicio podem engendrar a quem gasta o que não custa a ganhar.

Mas veio um dia em que a fonte seccou; appareceu um homem, caracter energico e decidido, que fez estancar aquelle manancial de escandalos.

Yoyo do ceu foi apeiado do pedestal de seus latrocinios.

A moralidade publica respirou por momentos nesse dia.

Afeito aos gozos de uma vida corrupta e estragada, acostumado a molleza que geram a lascivia, os deleites impuros, foi-lhe agra e sentida a transição.

Mas *yoyo do ceu* dotado de recursos vastos, não desanimou e passadas as primeiras impressões que infundem um contratempo, poz-se em campo.

Foi assim que, auxiliado pelo Sr. *Paolo*, *costureiro*, o encontramos explorando campo, e extorquindo os vintens da pobre mulher.

O Sr. Poalo, costureiro! . . . oh! incommensuravel vivente! . . .

—V. está divagando muito.

—Perdão, capitão, para onde vamos, temos muito tempo.

O Sr. Poalo, costureiro, tem uma phionomia superflua e ninguem, ao encarar o todo d'aquella entidade, acreditará que é dotado de tão bons prestimos.

O Sr. Poalo talvez na agulha e no fidal não seja tão fino, como é para desempenhar o papel de instrumento de acções ignobeis.

Refalsado e hypocrita, com um meio sorriso nas pontas dos beiços, engolindo o final das palavras na pronuncia, o Sr. Poalo aperta a mão do individuo para dal-o a conhecer aos inimigos deste.

—Foi assim que Judas fez; beijou a Christo quando quiz entregal-o á sanha dos phariseus.

—O Sr. Poalo conversa cordealmente com aquelle a quem acaba de trahir e tem sempre para este uma phrase de lisonja, e uma zumbia a fazer.

—A hypocrisia encobre a ferocidade.

—Serpente bipede, morde e envenena a muitos que por elle se teem interessado.

—Muitas vezes é assim; a generosidade da vespera é paga com a cilada do dia seguinte.

—Agora ouça V. Ex. o resto da descarada ladroeira que praticaram neste negocio, e os meios torpes, ou antes criminosos, de que se serviram *yoyo do ceu* como protagonista e o Sr. Poalo como seu agente para empalmares 146\$ rs., alem de mais 200\$ rs. com que os comprou a parte contraria.

—Eu já tenho no fim da sua historia o castigo a applicar a esse tal Poalo: é mandal-o subir umas dez vezes uma *ladeira*, e depois mettel-o até o pescoço em uma *fonte*, onde fique em *desterro* perpetuo.

(Continúa.)

(Continuação do n. 697.)

—*Feliz café* é bolotreiro e anda mettido com os *papaes de terreiro*.

—Que suspeita!

—Um rapaz solteiro, tinha em casa uma creada, a qual tinha pelo amo suas affeições.

Feliz café não sei como pescou isso, e astuciou tirar logo d'ahi proveito.

Foi metter nos ouvidos da desmiolada rapariga que seu amo ia casar-se, porem que si ella queria e estava disposta a gastar, elle era capaz de fazer com que o casamento não se realisasse.

A tola aceitou a proposição e entrou a cahir com os cobres, recebendo em troca pós

e raizes, que ia acondicionando no estomago do rapaz por meio da comida.

Pegou no ourinho e mandou deitar no *cépo* e *Feliz café* foi se locupletando e fazendo um chuveiro de promessas. As exigencias porem dobravam de dia em dia; quando *Feliz café* via que não havia mais o que comer, enxtou-se.

Foi então que a rapariga confessou ao amo o logro que lhe pregara e como tinha se feito cumplice de *Feliz café*, dando-lhe drogas e hervas, cuja acção ignorava, a comer.

(Continúa.)

VARIÉDADES.

● homem distrahido.

Todos conhecem um ou mais homens distrahidos.

O distrahido é o que procura os oculos com elles no nariz, que pergunta pelo chapéu com elle na cabeça, que veste as ceroulas ao avêso, que sahe para a rua de sapatos de ourêlo, que chama ao negro Tiburcio, sendo elle José. e á preta Thereza, quando ella é Justa.

Isto são abstracções vulgares e rasteiras.

Eu, porem, conheço um distrahido, poetico, engraçado e romantico, que não tem de prosaico senão o nome.

E' o Sr. José Francisco. Todos os José Francisco são entes vulgares e semsaborões. Este não.

José Francisco pertence ao nosso tremebundo e numeroso exercito de litteratos. E' thema do publico, ha bons dez annos.

Já vê o leitor que o nosso homem é um poeta lagrimante, costumado a fazer versos com papel e pennas á custa dos amigos.

José Francisco é um cidadão regularissimo nos seus deveres boroeraticos, figura sempre nos cafés com menção honrosa, e ainda não tem habito da Rosa.

Não se lhe notam senão dous defeitos.

Primeiro: é proprietario de um nariz rubido, ponteagudo e anti-social, ao pé do qual ficariam a dever de vista os historicos e veneraveis narigões de Cyro, Machiavello, Catilina, Rabellais, Cyrano de Bergerac, o mais celebre de todos.

Segundo: é dotado de uma distração que estava ao talhar para qualquer litterato da moda, mas que em um da gravidade de José Francisco e de mau effeito.

Todos comprehendem que o litterato estude em casa as abstracções que ha de experimentar e patentear na rua; um distrahido e cousa muito chique e dá ao individuo uma certa aureola de celebridade.

Mas as distrações de José Francisco não são estudadas, e por isso, tem o valor da originalidade.

E si não veja o leitor:

José Francisco vae habitualmente jantar ao Ravot, mas entra pela porta do alfaiate que fica junto ao hotel.

Pois não é raro o nosso homem entrar abstractamente pela loja, e, interrompendo o expediente das thesouas e das medidas, gritar para o sorpreso alfaiate:

—Rapaz! uma sôpa á Juliana e carne assada.

Percebendo o equívoco desfaz-se em desculpas e entra finalmente na casa de pasto.

Ao jantar, si acerta estar na pujadura de distração, acaba de comer sôpa e pede mais sôpa e mais sôpa, comendo afinal tres sôpas, julgando que comeu uma!

José Francisco vae a um baile. Percorre o salão, e fixa-se a um canto a contemplar o ambiente. Depara com um sujeito de casaca e luvas brancas e correndo-lhe ao encontro, cumprimenta-o:

—Como passou V. Ex.?

—Eu não tenho excellencia, responde o interrogado. Sou o criado grave.

—Ah! reflexiona José Francisco, sou um criado de V. Ex.

José Francisco foi um dia ao ministerio do imperio pedir uma certidão de que carecia.

Tinha ali um amigo e encontrando-o atrapalhado com o expediente offereceu-se para o coadjuvar. Generosa offerta.

Encarregado de subscriptar varios officios, fez a seguinte sargalhada:

Mandou para a repartição de saude uma portaria, concedendo um beneficio aos bombeiros, amoladores e artes correlativas.

Enviou ao vigario capitular um officio perguntando lhe si na ilha do Governador grassava alguma epidemia.

Mimoseou um sacerdote com uma nomeação de guarda urbano.

E remetteu a um deputado provincial a copia de um decreto exonerando-o de carteiro.

O nosso abstrahido litterato molha vulgarmente a penna no areeiro em vez de a introduzir no tinteiro, e se quer deitar areia n'uma sentida elegia, vasa-lhe com toda a certeza uma enchurrada de tinta.

Procura o fumo na caixa das obreias, põe a penna atraz da orelha e anda tres horas á cata d'ella, e assôa-se nos lenços dos amigos, quando os encontra a geito.

Dá-lhe um dia certo individuo parte do seu casamento com D. Fulana; o nosso José responde-lhe acreamente: «Eu sinto da minha parte que tivesse occasião de desgosto.»

Encontrando de lucto um conhecido a quem morrera um irmão, corre para elle e pergunta-lhe: «Foste tu ou teu maõo que morreu?»

Na praça da Constituição trava José Francisco conversação com um sujeito, tópa com outro e vira-se pãra elle continuando a conversa: o primeiro afastava-se e elle trava do braço do segundo e tomando-o sempre pelo primeiro, prosegue:

—Mas como eu ia dizendo: aquelle Dr. G. é um asneirão formal; um doutor escreve ovos com *h*, bacharel com *x* e cavallo com *k*!....

Mas subitamente o nosso José corta o seu elogio com um —Ah!—prolongadissimo.

Era justamente com o Dr. G. que elle estava fallando!

Muitas vezes sahe o nosso distrahido de uma visita, e momentos depois volve a tocar a campainha e pergunta se a Sra. D. Fulana de tal está em casa.

O criado responde lhe boquiaberto que elle deve sabel-o, visto que acaba de a visitar.

—E' verdade, que cabeça a minha! estava tão distrahido... peço desculpa a V. Ex., sou um criado de V. Ex... ás ordens de V. Ex...

E inclina-se até ao chão reverenciando o criado e matando-o com excellencias.

José Francisco almoça habitualmente o seu ovo quente, mas gosta elle mesmo de o aquecer, porque sabe o numero de muitos necessarios para aquentar bem um ovo.

Mas o que faz elle muitas vezes?

Pega no relógio com a mão direita e toma na esquerda, e como o pensamento lhe anda sempre devaneando nas regiões remotas, mette o relógio na agua quente e põe-se a olhar machinalmente para o ovo á espera que passem os quatro minutos da lei.

Não é admiração ver-se á mesa metter uma rólha na bôca, julgando ser um pedaço de pão, beber o conteúdo do mostardeiro pensando beber n'um côpo de madeira, deitar vinho no saleiro, assoar-se no guardanapo e metter os dedos no meio d'um pudim para tirar um palito.

Fazendo tenção de ir ao S. Luiz, sahe de casa ás 7 horas e vae esperar no café do Rio de Janeiro quo o momento se aproxime.

Quando dá por si é meia-noite, e voltando á casa corre como um louco a abraçar o lampião da sala.

Quando era rapaz, deu lhe na mania namorar e começou a aproar o nariz—aquelle immenso nariz!—para quantos vultos via nas janellas.

Dopoiz de namorear seis vasos de mangericão, dous craveiros, tres gatos francezes, um maltez e duas gaiolas de papagaio, en con

trou emfim por acaso, uma cara humana que lhe prestou attenção.

Tratou-se do matrimoniamento.

Pois José Francisco não estava livre da sua distracção chronica, nem no dia em que se casou.

Ao sahir da igreja levou por engano o chapéu tricoorneo do vigario e a bengala do sacristão. . .

A' noite sabiu e foi, como de costume, para o club, jogar a sua partida de bilhar.

Quando bateu meia noite, ainda a pobre da noiva o esperava em casa. Foi necessario que o sogro lhe fosse lembrar que se tinha casado naquelle dia. . .

José Francisco correu aos braços da noiva, e por distracção levou para a casa um taco do bilhar.

Os nomes.

Ha singularidades taes nos nomes e appellidos do nosso povo, que só mesmo quem anda muito desprevenido, deixa de fazer reparo no muito que ha para apreciar em semelhante materia.

Temos, por exemplo, um individuo chamado Ventura—que assevera ser cousa que nunca conheceu.

Uma Felicidade—que tem vivido sempre na desgraça.

Um Bravo —que é o homem mais pacifico d'este mundo.

Um Prudente—que vive de brigas.

Um Moura—que é homem, quando o nome tem a terminação feminina.

Um Severo —que nunca empregou o rigor.

Um Espirito-Santo—que é um perfeito demonio.

Um Candido—perverso.

Uma Angelica —terrestre.

Um Aranha—de duas pernas.

Um Franco —muito mesquinho.

Um Generoso —sovina,

Um Galhardo—cambeta.

Um Clemente—impiedoso.

Um Corrêa—que não aperta.

Uma Barbara—benigna.

Um Salgado—desenchabido.

Um Paz—guerreiro.

Um Guerreiro—inofensivo.

Um Leitão—que não vai ao forno.

Uma Branca —negra.

Um Carneiro—sem lan.

Um Gordo—magro.

Um Leme—que não governa.

Um Magro —Gordo.

Um Segurado—que não está seguro.

Um Terra—esteril.

Um Luz—que faz sombra.

Um Ribeiro —secco.

Um Valente—poltrão.

Um Horta—sem couves.

Um Pimenta—adocicado.

Um Cunba—sem serventia.

Um Machado —de carne.

Um Gentil—corcunda.

Um Perfeito—aleijado.

Um Modesto —orgulhoso.

Um Leite—que não liga com o café.

Um Rosa—pallido.

Um Pereira, um Oliveira, um Carvalho e tantas outras arvores infructiferas.

Um Porto, um Lisboa, um Gaimarães e tantas outras povoações sem habitantes.

Um Falcão, um Gavião e outras aves que não tem azas.

Um Paca, um Leão, um Lobo, um Coelho um Cobra, e outros de que a historia natural não falla.

Emfim leitores, a lista d'estas celebridades é tão extensa que seria enfadonho levar-a ao cabo, e demandava este trabalho muitos annos de estudo.

Parámos aqui, promettendo mais tarde voltar á esta empreza, um tanto avantajada, mas de muito *serio alcance*.

Do Pindamonhangabense.

ANNUNCIOS.

A quem convier.

O abaixo assignado faz publico, que no dia 29 do p. p. mez de outubro tomou de aluguel ao estabelecimento dos Meninos Desamparados da cidade do Porto, por intermedio do seu procurador nesta cidade, uma das lojas do predio ao largo do Theatro que foi occupada pelo Sr. João Dias de Andrade, com seu bottequim denominado Café do Club.—José Eulalio Barboza.

Aluga-ae na freguezia da Sé um sobrado com commodos para grande familia, grande quintal e sabida para a estradã Nova. A tratar-se na loja do major Benjamim á rua Direita da Misericordia.

—J. V. C.
O abaixo assignado, bacharelado em tran-
gubernadas, tratantes, salades e cyrismo,
declara que vendo o partido da *conservação*
em balanco, tem tirado sua casaca; e que o
unico affaire que faz esta obra com perfeição,
é o *Passarinho*, morador nas areas de Itapa-

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7\$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5\$500 rs.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª

QUINTA-FEIRA 10 DE NOVEMBRO.

Ns. 714—715.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
9 de novembro de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar a *bocca de lobo*, ao descer da ladeira da Misericordia, a qual ameaça engolir as pessoas, que por ali transitam.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, comunicando-lhe uma nova industria exercida nesta cidade por uma companhia de especuladores, a qual consiste em matricular-se como empregados na lavoura, mediante certa quantia, escravos que tem de ser vendidos, resultando d'ahi manifesta extorsão ás rendas publicas, pois que os proprietarios de taes escravos, por semelhante ardil, esquivam-se a pagar as respectivas sizas; dando alem disso logar a fraudes e dolos, como consta ha pouco aconteceu, que, dizem, foi matriculado e vendido com supposto nome um escravo que não o podiam fazer, por ser bem de orphãos menores.

Este negocio reclama minuciosa syndicançia por constar que anda nelle envolvida uma authoridade policial, a qual, por boa fé talvez, é victima do seu esperto escrevente, mancomunado com um celebre cavalleiro de provadas faanhas.

Espera-se que S. S. faça a respeito o que estiver a seu alcance.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para a caçada de gatos, á que se dão dous individuos moradores em um portão á rua do Bacalhau, sendo um delles guarda de policia.

Sem medirem as consequencias funestas que podem resultar de tão imprudente divertimento, dão esses individuos, á noite, cedo, tiros de pistola para os quintaes da rua da Misericordia, indo muitas vezes os caroços de chumbo baterem nas vidraças das casas, como ainda terça feira às 9 horas aconteceu.

Espera-se de S. S. energicas providencias para que não continue esse abuso, que pode ser fatal.

—No Rio Vermelho, um tal Calixto por poucas que não mata a um outro de nome Feliciano, no dia 30 de outubro. Agora pergunte porque?

—Diga lá V.

—Por causa de meia pataca.

—Uma ninharia!

—Que ainda pode resultar a morte de um homem, enquanto o aggressor passava impune.

A desavença teve logar dentro da venda do proprio inspector de quarteirão, um sujeito de nome Thomaz, o qual julgou que aquillo era motivo para se deixar ficar immovel no balcão.

—O Sr. João Guimarães, com venda ao Taboão, é accusado como author de 19 deflo-ramentos!

—Safa! Nem o prior do Trancoso!

—Lingoa do povo.

Um cão damnado, todos a elle.

Como o homem foi fígado em uma fraqueza, querem imputar-lhe o labeu de des-honrador-mór.

—Esses fallastrões levantam falsós!....

Mas então o que foi?

—Uma cousa tão fallada e V. ignora!

—Como muitas que se passam.

—Dizem que o Sr. João subornou a crioula Sophia, por alcunha bunda de mulambos, moradora á rua dos Capitães, para *arranjar-lhe* a crioulinha menor, tambem de nome Sophia, filha de Esperança Ritta, africana, que mora no Taboão.

Sophia desde quinta-feira trouxe para casa a menor sua xará, a pretexto de passar dias.

Toda noite havia pagode e o Sr. João sahia lá pela madrugada do ninho, frescorio e regalado.

Cara nova na rua, despertou a curiosidade dos vizinhos.

A mãe teve denuncia; entrou inesperada-

mento pela porta a dentro o veio surprehender o melro, recreiando-se no collo da menina.

—O Sr. João não tem nada de tolo!

—E como a policia anda as voltas com elle, é bem provavel que se pagar, não seja por innocente.

—Nesta parte; quanto aos 19 desfloramentos, lá quem diz é que sabe.

—Capitão, iô qué fallá di religião.

—Negro! chega a tanto o teu atrevimento!

—Capitão, iô nan tan negro bruto. iô tan negro civilizado; iô qué dicção pra sielare er ideia.

—Mas não sabes que isso não te compete? Queres ateiar a ira dos padres?

—Que improta a iô padre? Padre munto di êre tá ahi immorá e situpido.

Tempo di bruxaria já cabou.

Mundo nan credita mai que Sipurito Santo desce ni tera para inspirá padre.

—Mas o que queres dizer?

—Iô qué sabê cumá é que ziriman de charidade confessa uma vei ni semana e tuma Sacramento turo dia.

—Vae perguntar ao arcebispo, importuno que é quem concede licença.

—Mai capitão, sicuta. Ziriman de charidade tá gravenando sipital; ziriman de charidade tá mandando, serivente tá bedecendo; serivente não fazê seribico denreto, ziriman de charidade tan farando, tan zangando; peccado de ira tá ahi.

Ziriman de charidade tá crevendo pra tera di êre, tá contando ni crata cousa boa, cousa mau qui passa aqui; peccado de murmuração tá hi.

Ziriman sabe ni rua vai comprá, vai tratá nungoço, cunvresa; peccado de palavra e de acção tá hi.

Quando caba, ziriman de charidade vai ni capella di êre, jodia e recebê Sacramento, sem cunciliá cum padre! Esse nan tan denreto! Muié tá feito de crane e osso, vicio de natureza humana tá hi; logo tá peccando cumo outro quaqué e cumo é que confissão de um dia siribe pra tomá Sacramento tudo semana?

—Preto, vae-te embora, deixa-me.

—Ah, esse nan agrada? Tan denreto! Riri-gião assim povo nan tem fé. Abuso tá munto; padre tan ganhando gente.

—Quem quizer ver horrores vá uma vez por outra á cadeia da Correccão.

—Só o nome basta.

—Ali, na pessoa dos escravos, verá quadros de aterrar. Custa a erer que hajam humanos capazes de exercer tanta barbaridade em humanos seus semelhantes.

—Ora esta! Ha gente para tudo.

—Lá está actualmentje uma preta, escrava de uma Sra., moradora em S. Pedro.

—Que sem duvida a castigou e depois mandou prender.

—A escrava tem nos braços um filhinho.

Que a mãe seja uma creatura má, uma escrava incorrigivel, não duvido; porem a innocente creatura que crime commetten para ser tão atrocemente atormentada?

—O crime de ser filho de uma escrava; isso basta para soffrer.

—Mãe e filho trazem o corpo coberto de sevicias e queimaduras, e o tenro vivente tem duas costellas quebradas proveniente de pancadas, segundo affirma a authora de seus dias.

—E uma mãe merece sempre fé, quando falla de seu filho.

—Essa escrava conta que soffreu tormentos inauditos.

Cinco dias esteve trancada em um quarto, amordaçada, algemada, surrada, sem comer.

—Que thuiguismo!

—Si a desgraçada não trouxesse no corpo as provas indeleveis do que diz, podia-se attribuir suas palavras á malversação de um genio perverso, a esse rancor innato no coração do escravo para o senhor, mas as cicatrizes, o martirio, são visiveis.

—Pobre infeliz, que *esperança* lhe resta?

—Alem dessa, faz outras revelações e assevera que está disposta a mostrar os vestigios de um crime atrocemente commettido; falla dos restos de uma creança escondidos no fundo de uma cloaca; de mais um outro crime—um aborto por meio violento.

—Acho muita atrocidade.

—Tambem en; mas si a policia não está disposta a contemporisar, nem a proteger, seja minuciosa; ouça a escrava, indague, preserute; muito mais quando essa infeliz instae pede que quer ir á presença do Sr. Dr. chefe de policia.

—E deve se lhe fazer a vontade.

—E até mesmo por que consta que empregam-se esforços para que seja vendida ja e ja.

—F' preciso andar sem chapéu por causa dos ladrões.

—Virar doudo, por conseguinte.

—Cada dia a companhia do olho-vivo inventa uma forma de empalmar o que lhe não pertence.

—Ha de chegar occasião em que um homem seja roubado em pessoa sem saber como.

—O mais moderno são os chapéus arrebe-

tados. Já pela festa dos Afflictos andaram elles voando das cabeças de seus donos.

Na sexta feira o Sr. Publico Constancio de Albuquerque Mello, passando pela rua de Baixo, fez reparo que um individuo sahindo da cocheira da companhia de Vehiculos o acompanhou sempre de lado até dobrar para o largo de Dous de Julho.

Ahi o homem sentiu repentinamente um abalroamento pela trazerra; virou de costas e já seu chapéu ia longe!

—Como anda isso!

—Quem estava pelas janellas e presenciou, pasmou de tanta audacia e dextreza e o Sr. Publico resignou-se a ir para casa com a cabeça abanando ao vento.

—E quem não quizer que lhe aconteça o mesmo, ande com sentido.

—Capitão, tenho um caso grave, gravissimo.

—O que é?

—Mysterios que se passam em Latronopolis; nesta nova Sodoma.

—Pois diga.

—Mas eu conto o milagre sem dizer o santo.

—Não me serve; sou d'aquelles que gostam de comer em pratos limpos.

—Por agora, capitão, enquanto ha certos compromettimentos, depois saberá tudo.

—Vá que seja.

—Ha nesta cidade uma mulher, a qual tem uma filha, uma pardinha, que está a completar os seus 14 annos. E' o typo da perfeição; é a belleza em original; a natureza esmereilhou se com essa linda creaturã.

A mãe tem por ella um desvello, uma dedicação, um amor inexprimivel; não a confia de ninguem, sinão de uma parda, velha, com fóros de beata; julgando que essa tartaruga pelo exemplo de sua vida e por seus bons conselhos, encaminhará os passos da joven rapariga para o bem.

—E talvez esteja illudida, que acha?

—Vá ouvindo.

Um sujeito viu a menina e lhe encheram os olhos. Deu em cima da velha, contou-lhe historias, offereceu lhe dinheiro e por fim o cangalho concordou em servir aos intentos lubricos do sujeito.

N'um domingo que não é remoto, foi buscar a menina á casa da mãe para passar o dia com ella. Embarcou a em um bond da companhia de vehiculos, desembarcou na Calçada e seguiu para a Boa-Viagem, onde ja se achava á espera o pardal saboreando de ante-mão a fructa que ia desfructar.

Lá saciou elle á vontade seu brutal desejo; a raparigã lá passou o dia e voltou á tar-

de em companhia da correctora, porém muito differente do que tinha ido. Sahira de casa de sua mãe candida e pura como uma açucena e voltava daquelle antro, manchada, perdida irremediavelmente.

—Infamemente deshonrada.

—No outro dia a mensageira da desgraça foi entregar a menina á sua mãe, que não sabe até hoje que a honra de sua filha foi mercadejada á lubricidade de um homem corrupto, por esse ente desprezível em quem ella tanta fé tinha!

—E o mysterio a envolver um facto tão hediondo! E' mister desmascarar o malfeitor.

—Estou á espera de saber o nome de uma ama e mais uma pessoa, que estiveram na casa para levar ao conhecimento do chefe de policia.

«—Dr., Mariquinhas está chorando porque deitaram ella no *Alabama*, sobre a conversação que nós tivemos.

«—Onde está ella?

«—Está aqui na janella, e me disse que por causa de V. foi que ella soffreu isso.

«—Ora, Mariquinhas, não chores, que quem lê o *Alabama* são estas gentes ordinarias....»

—Quem mais ordinario do que o cynico, safado, miseravel e caloteiro *brutinho-diamante*, que até nos caloteou na assignatura deste periodico, que, diz elle hoje á esta inexperiente moça, somente é lido por gente ordinaria.

Pois, meu Dr., o homem mais ordinario que assignou esta gazeta, e que deshonrava a lista de nossos assignantes, era S. S.

—Que tyrannia!

Prende-se uma pessoa innocente, que nenhum crime cometteu e além da oppressão que soffre em sua liberdade, ainda é forçado a pagar portarias de soltura, carceragem, etc!

—E quando a pessoa tem para pagar, é bom.

—Como aconteceu com uma pobre mulher, moradora á ladeira da Prata, de nome Maria da Natividade. Foi presa sem causa, injusta, arbitrariamente, sem indicio da mais leve falta e quando a soltaram ainda a obrigaram a gastar tres mil e tanto reis, pelos quaes continuaria presa, pois que os não tinha para dar, si não fosse a commiserção de algumas pessoas.

—Na lei, o direito é sempre torto.

—Ora, para uma pobre mulher que para comer sahe todas as madrugadas com suas duas filhas donzellas para fazer charutos, isso é duro, é cruel.

—Roubaram o hospicio de Jerusalém.

— Até os templos!

—Os ladrões desceram pelo telhado e foram direitinho á cella em que habita o conego Villas-boas, que se acha ausente, e ali fizeram sua feira.

—É preciso a policia andar bem resguardada, porque lá pode vir dia em que ella mesma amanheça arrombada.

—O que não seria caso novo.

Boatos.—Sob este titulo lê-se no *Mercantil de Petropolis* o seguinte:

«Da côrte nos escrevem, que o inelyto duque de Caxias offerecerá a sua invicta espada para cortar o nó gordio da grande questão entre a França e a Prussia.

A ser exacta a nova, logo que S. Ex. chegar ao theatro da guerra, effectuar-se-hão ali fortes evacuações.

Communicam-nos igualmente que o Sr. de Lippe Muritiba irá á Prussia apresentar um plano de campanha que de sua execução depende o triumpho em favor das *agulhas*.»

—Capitão, ouça a profissão de fé de um jornalista:

«UM JORNALISTA MERCANTIL.—Ernesto Augusto Gernsgross, redactor e proprietario do *Diario de Pelotas*, declarou em o seu numero de 20 de maio e sob a rubrica da redacção o seguinte que transcrevemos para os leitores apreciarem.

«Nosso jornal é mercadoria que se vende, nossa penna está á mercê de quem melhor pagar, mas os tempos estão tão maus que a não fazer-se assim, não se ganha para comer.

«E depois, porque não havemos de tirar todo o proveito da nossa *industria*? a imprensa é um commercio, *não temos nenhum interesse aqui*, e pouco nos importa que isto vá mal ou vá bem, o que queremos é dinheiro e mais dinheiro, *adular* ás authoridades, ainda que particularmente as censuremos, estarmos bem com ellas, e o mais viva eu e padeça a humanidade!

«Si uma censura pode-nos trazer uma assignatura, ou alguns presentes que se pareçam com dinheiro, porque a não havemos de fazer?

«Que nos importa que se nos taxe de corrupto e venal; si com isso os *cumquibus* vão pingando; o seculo é de *luzes*, e sem azeite não se accende a candeia.

«A imprensa é uma *industria*, fazel-a vender é o nosso fim!»

—E que tal! O leitor que commente e admire semelhante *raridade*..

Questão Moura Rosa.

Abaixo publicamos a sentença do Sr. Dr. juiz municipal da 2.^a vara, contra o edictor responsavel deste periodico, condemnando-o no grau maximo do art. 237 § 3.^o do codigo criminal, e as rasões da appellação interpostas da sentença para o Sr. Dr. juiz de direito da 2.^a vara, pelo referido edictor.

SENTENÇA.

«Vistos estes autos etc.

«Queixou-se o author Francisco de Moura Rosa do reu Joaquim Jorge dos Santos Maia, por injurias contidas no impresso de fl. 3 sob a epigraphé—*Que façanha*—pelas expressões—vil denunciante, e pelo trecho mais abaixo—lá vai uma que elle praticou á pouco, comprou um cavallo e venden ali para o *Mataeuá* um crioulo, no outro dia ficou o homem sem o cavallo; porque appareceu o verdadeiro dono, e carregou o seu animal—impresso que prova ter corrido por mais de 15 pessoas, como juram as testemunhas de fl. 50; e injurias que, com quanto o disfarce a cerca da pessoa, a quem se dirigiam, pelo nome, que se lhe deu já de *Xico* e já accrescentando os outros—que *amou* entre aquelle e *moura Rosa*, bem se conhecia que referiam-se a elle queixoso, visto como a palavra *Xico* era vulgarmente o diminutivo da de *Francisco*, que unidas as outras *moura Rosa*, constituíam o seu inteiro nome, que mais designado se fazia pelo de empregado aposentado da camara municipal, o que elle é etc. O que pois ficando claro e positivo e em face da responsabilidade de fl. 8, e o provado pelas testemunhas de fl., condemnno o reu Joaquim Jorge dos Santos Maia, em vista do art. 236, § § 1, 2, 4 do codigo criminal, em seis mezes de prisão e multa correspondente á metade do tempo, grau maximo do art. 237 § 3.^o do mesmo codigo, attentas as circumstancias aggravantes dos § § 4 e 15 do art. 16 do codigo, cuja pena cumprirá na prisão da fortaleza de Santo Antonio e nas castas. Bahia 17 de outubro de 1870.—Francisco Vicente Vianna.»

RAZÕES DE APPELLAÇÃO.

N'esta causa não está somente comprometido o obscuro responsavel do periodico *Alabama*; n'ella tambem estão ameaçadas a lei e a liberdade da imprensa,—essa liberdade que é uma garantia das liberdades publicas, e capaz de conquistal-as todas para um povo, que as não possuir;—essa liberdade que deve ser respeitada por todos os poderes publicos, por que é o orgão da opinião, a qual, na frase da

celebre Madame de Staël, é a consciencia do Estado.

Assim, pois, si o presente processo não é importante pela pessoa, contra quem é dirigido; é da maior transcendencia, pelos principios n'elle envolvidos; e a sentença appellada é menos perigosa, pela condemnação do accusado, do que pela offensa da lei e pelo ataque à liberdade da imprensa.

Dizer que a lei fôra offendida, que uma garantia das instituições livres do paiz fôra atacada, parece-nos bastante para despertar toda a attenção do magistrado, que deve julgar a appellação interposta da sentença de fl. Entremos na analyse d'ella, expondo os factos e applicando as disposições de direito, que lhes são relativas.

Queixou-se Francisco de Moura Rosa contra Joaquim Jorge dos Santos Maia, responsável do periodico *Alabama*, asseverando na respectiva petição de fl. que lhe eram dirigidas as injurias impressas no artigo publicado no referido jornal de 7 de setembro d'este anno, sob a epigrapha—*Que façanha!*

Em sua defeza escripta á fl. declarou o accusado que a publicação, que servia de base ao processo, não era dirigida contra o queixoso. Ora, em face do texto expresso do artigo 240 do cod. crim., e da integra da publicação criminada, na qual se não acha o nome de Francisco de Moura Rosa, devia dar-se por satisfeito o accusador. Infelizmente assim não succedeu, e a sentença proferida pelo Dr. juiz municipal da 2.^a vara, julgou que realmente era o queixoso a pessoa designada pelo artigo accusado; e partindo d'essa base fragilissima condemnou o appellante á seis mezes de prisão, etc.

A sentença fulminada contra nosso cliente e destituida de fundamento, e infringe evidentemente as disposições do nosso direito criminal, como passamos á demonstrar.

E' disposição expressa do artigo 8 do código criminal, que, para o julgamento dos delictos de abuso da liberdade de communicar os pensamentos, os escriptos e discursos sejam interpretados segundo as regras da boa hermeneutica, e não por frases deslocadas. Ora, a sentença appellada despresou as regras da hermeneutica, e interpretou o artigo do periodico *Alabama*, deslocando as palavras de seus logares, e até mudando a natureza d'ellas; porquanto, transformou o Xico que amou a moura Rosa, em Francisco de Moura Rosa, inventando uma hermeneutica contraria á razão, extravagante, segundo a qual, um sujeito teria amado, sem haver objecto amado; ficando assim alte-

rado e truncado o escripto:—Francisco de Moura Rosa amou—, sem saber-se á quem; quando, aliás, no artigo accusado claramente se designa, que a pessoa amada é a moura Rosa; e tambem foi alterada a natureza das palavras pela sentença recorrida, porque o nome—moura—, que na publicação accusada é um substantivo appellativo, fôra convertido em nome proprio; sendo mister para isso admittir se, em um escriptor publico, o erro imperdoavel de escrever com letra pequena um nome proprio. Podemos portanto accrescentar, que a sentença condemnatoria do appellante é, alem de contraria ao nosso direito criminal positivo, absurda ante a simples razão.

Nem pode sustentar-se a procedencia d'esse ulgamento pelos motivos n'elle exarados; por que, concedendo-se de muito bom grado, que Xico seja, em linguagem familiar, equivalente á Francisco, e não diminutivo d'este nome, conforme diz a sentença de fl., ainda assim ficaria o individuo, alludido no escripto condemnado, differente do queixoso, porque não era á elle, que se dirigira o accusado, e sim ao Francisco, que amou a moura Rosa. Não é tambem procedente o appoio, que pretende derivar a sentença de fl., do facto de ser o accusador empregado aposentado da camara municipal d'esta capital; porquanto, o periodico *Alabama* fallou vagamente em camara municipal, sem designar a d'este municipio.

Parece nos que temos demonstrado a insubsistencia da sentença appellada, quer perante a lei, quer ante a razão commum; e que consequentemente deve ser ella reformada, absolvendo-se o accusado, que declarou não dirigir-se no seu escripto ao author.

Resta-nos somente accrescentar que, se prevalecerem as regras d'interpretação do julgado recorrido, ai! da liberdade d'imprensa... ai! da liberdade de communicar os pensamentos em publico, ou em particular... Teremos voltado aos tempos infelizes da tirania do imperador Tiberio, quando se não podia fallar com segurança ainda no seio da familia e dos amigos: tempos esses tão viva e lugubrememente descriptos por Tacito.

Estaremos expostos ás accusações de individuos iguaes á Laubardemont, que em qualquer escripto podia descobrir a prova d'uma conspiração. Esperamos porém que taes regras serão repudiadas por magistrados instruidos em outras maximas, respeitadores da nossa lei, e sobre tudo incapazes de se converterem em instrumento de caprichos.

Fact. Solit. Just.

Bahia 8 de novembro de 1870.

José Fabião Daltro Barreto

A PEDIDO

—Lê-se no *Jornal do Commercio* o seguinte:

«SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA.—*Julgamento.*

—*Revista crime 2049.*—Recorrente o conego Dr. Jacintho Villas boas de Jesus, recorrido Simberto Fernando Alvares Ribeiro.—*Não tomaram conhecimento.*»

—Está portanto confirmada pelo supremo tribunal de justiça do paiz a sentença, pela qual foi julgada improcedente a queixa que dera o conego Dr. Villas-boas contra Simberto Fernando Alvares Ribeiro.

—O' deuses do *Olympo*; si sois justos e compassivos encaminhae os passos do mortal que anda a *cardear* por uma publica secretaria, e fazei com que elle vá atraz da Cadeia depositar os 22.7020 rs. que ha dous annos o caixeiro de uma venda anda chorando por elles.

● que sou.

SONETO.

Eu vi-me n'um espelho... oh! cousa rara!
Jamais viu-se animal com tão mau geito!
O cabello... Jesus! quasi era espeto
Sobre pelle amarella e ruim cara.

Minha bocca de graça tão avara
Nem beijos sabe dar sem um tregeito;
E' rombudo o nariz, o hombro estreito,
As pernas tem grossura de taquara.

Uns olhos de tatú, sem vida e graça,
Um andar sem quindim, labios sem cor...
Me rio ás vezes ao andar na praça.

Me vou suicidar... é crúa a dor!
E enquanto penso porque meio o faça...
Bôa noite, meu bem... adeus, leitor.

—Capitão, um dos nossos assignantes pede a publicação da seguinte carta amorosa, por elle encontrada na rua:

«Meo Adorado Damazio de meo coração e minha vida.—Eu não sei te dizer o prazer que tive hontem anoute quando te vi, e te disse adeos ah! meo bem de minha alma creias, que passei uma noute melhor do que não tenho passado dormi mais porque te vi meo Anjinho de meo pemçamento esta cartinha que ahi vai, eu te escrevi hontem as 2 horas da tarde e não te pude entregar anoute porque tinha um ranxo de moleques no adro portanto vou te mandar por Bernardo vai a sempre viva que te mostrei hontem e não pude te dar meo charo Damazio de minha vida estou muito zangada com a chuva que faz tu não poderes passár perto de mim quando eu vejo chover,

fico muito afflicta porque não te vejo de perto
ah! Damazio meo terno amor de meo peito
adeos, adeos, vida de minha vida unico pra-
zer de meo coração e de minha alma meo tudo
eu sou tua, eu só vivo para ti, e só para te
amar. recebe meo Anjo o meo coração parti-
do de dor e de saudade pois te juro que sou,
e heide ser até morrer

Tua muito firme e constante amante
que te ama muito pelo coração

A mesma.

desculpa o papel meo bem e lembra te da
tua terna U. que morre por ti vai este
pratinho de arroz que eu fiz para de pois que
acabares de jantar adeos.»

Desenganio.

Podes ir, que é desfeito o nosso laço.
Podes ir, que teu nome nos meus labios
Nunca mais soará!

Sim, vae;—mas este amor q' me atormenta
Que tão charo me foi, que me é tão duro.
Commigo morrerá!

GONÇALVES DIAS.

Amei-te!... sim, mulher, amei-te muito!
Quantas noites passei pensando, louco,
De saudades por ti!
Quantas noites pensando em teus desprezos
De repente correr amargo pranto
De meus olhos eu vi!

Quantas vezes, cruel, segui teus passos!...
Mal pensava que em ti—mulher perjura,
Si occultava a traição;
Quem diria, te vendo tão formosa,
Que trazias no fel, negro, terrivel
Envolto o coração!

Amei-te: supportei por muito tempo
Teus constantes desprezos; mas ainda
Te sabia adorar;

Dei-te o nectar suave dos amores,
E em troca me deste em dura taça
Fel cruento a libar.

Dei-te provas bem fortes que te amava,
Que somente por ti dentro do peito
Pulsava o coração;
Dei-te amor que—daria á divindade...
E por isso não posso, não, não devo
Encarar a traição.

Me desprezas eu sei; pois bem, sigamos
Por caminhos diversos; té que um dia
Nos havemos vingar;

Descansa: os ingratos por castigo
Em cruento remorso sentem a alma
Tristemente penar.

Descansa, que talvez ainda eu veja
Supportares a dor pungente, fera
De cruenta paixão;

Descansa quo o remorso ao criminoso,
É juiz infallivel, dá sem pena

A pura expiação.

1870.

VILLASBOAS.

—*Manuel*, para que V. dá desgostos a seu padrinho?

—Eu, capitão, não sou capaz.

—Pois eu não sei que V. outro dia andou ás cabeçadas com o *Antonio*?

—É verdade, capitão, mas juro-lhe por *Jesus* que me hei de emendar d'essas douçices.

—Estimarei muito.

Motte.

*Quem tem falta de dinheiro
Passa vida de cachorro.*

GLOZA.

Eu conheço pelo cheiro,
E vou logo me afastando,
Quando accaso vem passando
Quem tem falta de dinheiro.
Ponho-me logo matreiro,
Cubro a cara com o meu gorro,
Metto pernas e até corro
Quando o vejo vir a mim,
Porque um sujeito assim
Passa vida de cachorro.

VARIÉDADES.

Avareza proveitosa.

De uma povoação das Ardennes, em França, annuncia-se a morte de uma velha muito conhecida pela sua avareza. Vivia miseravelmente e só; andava coberta de farrapos, e alimentava-se muito mal. Alguns dias antes de sua morte, tinha mandado vender a roupa da cama para comprar pão. Com tudo dizia-se que era rica, e corria muito acreditado o boato de haver um thesouro escondido debaixo do pavimento.

Foram minuciosas as buscas, e depois de muita procura, achou-se com effeito a quantia de 60:000 francos em metal, em uma caixinha perfeitamente escondida em um canto. Este achado já não era pouco para herança de uma especie de indigente; mas não era comparado com o mais que deixou aos herdeiros de bocca aberta.

Descobriram-se em outra parte da casa duas caixas cheias de moedas de ouro, e tão pesadas que o juiz de paz e o escrivão chamados para inventariarem os moveis carunchosos, não poderam levanta-las. Avalia-se em perto de 400:000 francos o que a velha dei-

xou assim a parentes remotos, que estavam quasi todos em posição pouco satisfactoria.

Contam-se dessa mulher muitas particularidades singulares. Uma que diz ser authentica, e que não é a menos curiosa, é a seguinte:

Legou por testamento a quantia de 20:000 francos á uma mulher que lhe fazia recados, e a quem pouco tempo antes negara o augmento de um franco do salario mensal.

Enterrada viva.

Uma joven, diz o *Montreal Herald*, que habitava em Jacksonville, no Illinois (Estados Unidos), estava em vespervas de casar-se. Um dia acharam-na na cama morta, segundo todas as apparencias.

Foi examinada por medicos, que declararam haver deixado de existir.

A desgraçada havia feito uso do chloroformio para lhe mitigar uma dôr de dentes; ninguem duvidou de que a dôse que tomou tivesse sido muito forte. Enterraram-na.

Ultimamente, seus paes, que se dirigiam á uma outra parte da America, quizeram levar consigo os restos de sua filha. Abriu-se o caixão, e descobriu-se com horror que o corpo estava voltado, que as duas mãos tinham punhados de cabellos, e que os vestidos estavam feitos em pedaços.

O chloroformio tinha lançado a desgraçada rapariga n'um estado de insensibilidade de que sahiu unicamente para se ver no seu ataude enterrada viva.

Cancão do cego.

A todos pedindo esmola,
Andava o cego na rua,
Mostrando assim a sacola,
Contando a miseria sua
Quando tangia a viola.
Dizia: -- o ceu e as estrellas
Eu sei que existem, -- não vi;
Immensas cousas tão bellas
Que existem aqui, ali,
Eu sinto não poder vel-as.
Eu sei bem, -- disse o coitado,
Tudo o que existe na terra,
~~Tudo~~ que é grande, elevado,
O bosque, o mar e a serra,
Foi tudo por Deus criado.
E co'o pandeiro a rufar,
Se pôz o cego chorando;
E depois de bem chorar
Foi sua voz elevando
E pôz-se assim a cantar:
«Sou cego e vivo a pedir;
«Eu sei modinhas immensas

«Que fazem chorar e rir;
 «Quem soffre dores intensas,
 «Não as pode proferir.
 «Nas trevas eu vivo assim
 «Sem nunca ter alegria:
 «Si toco o meu bândolim
 «Não conheço a luz do dia
 «Pois todos têm dó de mim.
 «Quizera pois entoar
 «Algumas rosas tão santas,
 «Mas sinto a voz expirar...
 «Quem curte misérias tantas
 «Não pode o canto elevar.
 «Eu adoro o Redemptor,
 «E d'elle a fé não renego:
 «Vos peço cheio de dor.
 «Dae uma esmola p'ra o cego,
 «Dae-lhe uma esmola, senhor.»

Julho de 1870.

A. Carneiro da Silva Braga.

Anecdota acontecida na nossa cidade.

Indo duas pessoas passar um bilhete para concerto a um negociante, este aceitou de boa vontade. Mas, passadas algumas horas, perguntou a alguém para que fim era o bilhete, e como esse alguém lhe dissesse que era para um concerto de piano, o negociante, meio zangado, exclamou: «que m'importa que o piano se quebrasse! pois eu hei de pagar para ver concertar-se um piano?!»

E' de mais.

Conversavam dous hespanhoes. Dizia um: —Oh! compadre, hontem á noite deu-me tal somno, que adormeci sem sentir, e pela manhan quando acordei vi que tinha ficado com a mão na testa, no momento em que principiava a benzer-me.

—Ora, adeus! Ainda isto não é nada. A mim succedeu-me cousa melhor. Ao acordar pela manhan achei-me com as mãos postas na cama e o corpo todo deitado para fóra, no ar.

—Ora essa!

—Tal qual: adormeci quando ia saltar da cama!

O confessor e a penitente.

Uma senhora já entrada em annos, e soffriavelmente feia, estando a confessar-se, accousou-se de haver posto fóra de casa um exposto que nella se havia criado.

—E porque motivo? lhe perguntou o confessor.

—Porque elle já tinha os seus dezoito annos, e bem sabeis que os rapazes...

O padre deitou então a cabeça fóra do confissionario, e tendo visto a cara da sua penitente tornou a recolher-se, e lhe disse:

—Não tem duvida, senhora, pôde chamar-se outra vez para casa.

Em uma das janellas de certa casa faltava vidro, e por aquelle vão sempre introduzia-se um gato da mesma casa.

Um bregeiro, todas as vezes que passava por aquella rua, encostava-se á parede, e, fronceando a janella, dava uma bofetada no pobre gato, que se recolhia immediatamente.

Uma noite de luar a dona da casa deitou a cabeça pelo vidro quebrado, e nisto passa o mesmo sujeito, e arruma-lhe uma grande bofetada no nariz.

—O' maroto, desavergonhado! exclamou a mulher cheia de dôres; vá dar no diabo!

—Safa! acudiu o bregeiro assustado; o gato miou.

O caixeiro de um negociante de molhados deu parte ao patrão que o vinho estava quasi acabado.

—Pois deite-lhe mais aguardente, disse o negociante.

—A pinga tambem está se acabando, tornou o caixeiro.

—Deite agua na pinga, e não me aborreça.

—No pote já não ha mais.

—O rio é fonte inexgotavel, replicou o patrão muito zangado; já lhe disse tantas vezes: pinga no vinho, agua na pinga, e pote no rio,

ANNUNCIOS.

Muita attenção para não haver queixas.

O proprietario da loja n. 51 ao entrar da rua de Baixo de S. Bento, roga ás pessoas, que têm contas na mesma a virem até o dia 20 do corrente satisfazer as; assim como muitos que se ausentaram da casa por diminutas quantias.

No domingo 13 ás 4 horas da madrugada terá lugar no convento de S. Francisco a missa da posse dos novos funcionarios da devoção de Nossa Senhora da Boa Sorte que se venera ao Maciel de Cima.

Aluga-se na freguezia da Sé um sobrado com commodos para grande familia, grande quintal e sahida para a estradã Nova. A tratar-se na loja do major Benjamin á rua Direita da Misericordia.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª

SABBADO 12 DE NOVEMBRO.

N. 716.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS.—15 rs. por serie de 10 numeros; 50 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama* 11 de novembro de 1870.

Officio ao Ilm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio, chamando sua attenção para uma casa de jogo na rua dos Adobes, onde consta que os *parceiros* não mantêm aquella harmonia, que fôra para desejar, e pelo contrario terminam sempre o divertimento com rusga, o que, além dos mais inconvenientes, não convem ao socego publico.

ORDEM DO DIA.

O capitão do *Alabama* faz sciente a tripulação, que attendendo ao pertinaz desejo manifestado pelo Sr. Marcos Rabeca de pertencer águarnição, tem por conveniente mandar assentar-lhe praça na companhia dos agentes da policia secreta, ficando o mesmo addido aos espiões de 3.ª classe.

O aspirante lhe faça abrir o assento de praça.

Bordo do *Alabama*, 7 de novembro de 1870.

—O immediato, *Lima Barboza*.

—Diz o *Jornal da Bahia* que lhe pediram a publicação do seguinte:

«Não é exacto que se tenham dado muitos casos de furtos de chapéus pela companhia do olho-vivo: o unico que consta haver-se dado foi na freguezia de S. Pedro contra o Sr. Publico Constancio.»

—Mas para affirmar assim é preciso ter conhecimento de causa, e ninguem pode estar em dia com os trabalhos da companhia sinão seus proprios agentes.

—Logo, foi alguém da companhia quem pediu a publicação?

—Assim parece.

Mas o *Jornal* foi enganado. Nos Afflictos foram arrebatados muitos chapéus: entre os que soffreram, posso citar um moço typogra-

pho, morador na rua d'Ajuda, na occasião em que foi preso o homem vestido de mulher.

—Capitão, foi raptada, na quarta-feira, uma moça menor na freguezia da Rua do Paço.

—Já me contaram esse facto. O raptor levou-a para a freguezia de S. Pedro, onde foi seguro pelo subdelegado o Sr. major Barros.

—E V. Ex. sabe o nome do tal *beija-flor*?

—Disseram-me chamar-se João Emygdio.

—E' justamente.

Agora cumpre ao subdelegado obrigar ao *innocente passarinho* João Emygdio a fazer *quarentena no porto* do matrimonio.

—Capitão, proézas do celebre crioulo Angelo, membro insigne da companhia do *olho vivo*.

—Novas escamotagens, não?

—E' verdade.

Na quarta-feira, ás 5 horas da tarde mais ou menos, introduziu-se, sem ser visto, na casa do pregoeiro dos auditorios o Sr. Amorim, morador ao largo da Piedade, e carregou uma sobre-casaca, 20\$ rs. em dinheiro, um par de botões de punho de ouro, um dito de peito lapidado, dous pares de botinas e uma luneta.

Ao sahir o *larapio*, foi visto e perseguido por algumas pessoas, largou se a correr, sendo preso na baixa dos Sapateiros, graças aos esforços do Sr. major Barros, subdelegado da freguezia de S. Pedro, que não descançou em quanto não viu seguro nas garras da policia o decantado *ratoneiro*.

—Como vae isso bom; os membros do *olho vivo* não respeitam o asylo do cidadão!

—E a policia a procural-os sem os encontrar!

—Na quarta-feira, ás 6 horas e 50 minutos, ia por dentro dos trilhos de ferro de Itapagipe um *tanceiro*, empregado no alambique do Sr. Maia.

Esse homem é surdo-mudo. O *bond* que sahio do *Bomfim* á essa hora, puchado á *caval-*

los, deu com a lança sobre as costas do pobre e infeliz homem, jogando-o fora dos trilhos, e as rodas do *bond*, passando-lhe sobre os pés, deixaram-o em migalhas.

—Jesus! Misericórdia!

—Os facultativos do corpo de delicto não garantem a vida do infeliz, visto a terrível pancada que levou nas costas.

—Deus que tenha piedade delle.

—Na quinta-feira, ao meio dia, andou um homem vestido de mulher com uma subscrição pedindo esmolas.

—Isto vai de mal a peor!

—Pelos Portas do Carmo entrou o *cujo* em diversas casas, sendo uma dellas a do Sr. José Joaquim de Mello.

—Sr. Dr. chefe de policia, que diz a isso?

—Que scena de canibalismo passa-se neste *becco!* Que *agonia*, que *transes* não curte aquella velha escrava!

—Um corpo vergado pela idade, um defunto em pé....

—Entretanto, seus algozes castigam-na com palmatoadas, pondo-lhe as palmas das mãos sobre uma meza!

—Oh, gente sem coração!

—Ou si o tem, é mais insensível que uma pedra.

—E qual o crime da misera?

—Decrepita, sem forças, arrastando os pés, carrega todos os dias uma pesada caixa de *papança*.

Quem não sabe o atravancamento que ha em certas ladeiras desta cidade, ás subidas e descidas de carros os encontrões que se leva?

N'um desses, a desgraçada escorregou, cahiu, quebrou os pratos; voltou para casa e dão-lhe tão barbaro castigo.

—É o resultado é que a infeliz, não podendo mais aguentar os dolorosos tratos, lá se foi atirar n'um fôjo aberto no quintal para servir de *cloaca*.

—O Sr. desta creatura é uma *barraca*, um armazem de crueldades!

—E' a gente de casa; não é elle.

—Mas consente, o que é o mesmo.

—Vão tirar a do precipicio em que se jogou; esperemos para ver como sahe.

A PEDIDO

—Capitão, os olhos teem crime?

—Dizem que folgam de ver.

—Assim é que eu entendo.

Mas outro dia ao saltar em certo *cume* á beira d'agoa, quasi morro de susto. Acredite por S. Paulo.

—V. tambem é dos que correm sem ver de que.

—Qualquer sentiria o mesmo choque vindo uma figura desvairada, possessa como uma furia sahida dos antros, praguejando como um impio insultos os mais asquerosos, que o vocabulario encerra.

Julguei ser doudo varrido escapulido de algum hospicio, mas vi que uma matilha de soldados obedecia as ordens que elle dava e desenganei-me.

—E a origem de tanto espalhafato?

—As filhas do padre *Lalau* costumam banhar se n'as nas praias. Estavam as *taes* *naiades* em ameno tracto com as *salsas* *ondas*, quando vistas profanas foram casualmente pousar-se nas lindas formas.

Era um rapaz que *amassa trigo*, que passando, deu com os olhos para o lado em que as *nymphas* se banhavam e riu-se.

Quem não quer ser visto, encobre-se.

—Naturalmente.

—Mas as moças foram se queixar ao *pá-pá* do *desacato* e o *papa-hosteas* enfurecido, como um touro, sahiu em trajas grotescos a bradar furibundamente.

Foi ao sub-renegado e este que concorda cegamente em tudo que o reverendo quer, concedeu-lhe *praças* com as quaes foi elle proprio prender á *tombos* o *amassa-trigo*.

—Converteu se em *esbirro*. O papel n'um sacerdote assenta bem.

—Preso e maltratado, não houve nome por mais infamante que os labios do unguido ministro christão não entornassem sobre aquelle que estava debaixo da pressão de sua *cholera*.

Porém o requinte do escandalo é que a dona da casa de sua reverendissima acompanhou-o na diligencia, fazendo uma *balburdia infernal*.

—Que *cachorrada!*

—Parece que o sub-renega lo cahiu em si e reconheceu que estava servindo de instrumento ao rancoroso *desatino* de padre *Lalau*, porque mandou soltar o rapaz depois de algum tempo.

—Que padre *damnado*, meu santo *Alexandre!*

—Tive medo de demorar-me por mais tempo n'uma terra assim; embarquei-me na *cañoa* do *Zé de Menezes* e safei-me de volta *redonda*.

—Que luar tão lindo!

—Convida a passeiar.

—Sigamos por aqui.

—Que vulto é um parado á esquina do mercado da praça, perto destes *mares?*

—Não sei.

—Aproxima-se.

—Não de nós. Repare para onde vaç.

—Lá se foi metter debaixo daquellas mamonças do capitão *Salva gente*.

—Já conheci quem é.

É um sujeito que está no *maximo* grau de loucura, porque a *dona* procurou novos ares, novos climas.

—Ah, o passaro mudou de galho!...

—A cobra em epocha determinada muda a casca, logo, a mulher variando tambem de amante é *justo* e razoavel.

—Soberbo raciocinio!

—Até porque o sujeito é *cousa* do lugar.

—Pois acho bem injusto por ser *becco sem sahida*.

—Não vê que elle faz caso disso!

Ainda hontem andou com a cuja pelo braço em direcção á *Moenda da Conceição* e a ordenança atraz.

—Basta, basta, eu não me importo com a vida alheia.

Logo vi qual era seu empenho, fallador.

O que tem V. que o homem seja autoridade, casado, rapte moças, e passeie com ellas publicamente, com a ordenança atraz?

—Não acho *justo*.

—Capitão, participo-lho que as questões do *botequim* fenceram.

—Seriamente?...

—É de *suppor*... porque a *commandita*, vendo não tirar partido,—recuou—pedindo a paz.

—É louvavel... porém a censura de tanto alarde, cá me fica.

—São *cousas*, capitão... a ignorancia de uma mulher foi que deu causa a tantos males.

—Isso é verdade.

Vamos ao que importa. Com que está Vm. na posse da fortificação, sua artilharia, municião e provisão?...

—Sim, Sr.

—Pois então, va em socego desfructar os laureis do triumpho.

—Obrigado.

—Sr. *Jucas*, assim tambem é de mais!

Nem tanto, nem tão pouco.

Não era meio alqueire de farinha, seis vintens de bananas de S. Thomé e um feixe de cannas mirim que o rapaz que *accende fogo na machina* trouxe para gasto de sua casa, que prejudicava a companhia.

Bem vê o Sr. que a conduccão de tudo isso não importava em mais do que na ridicula quantia de 140 rs.

E por tão pouco queria Vm. que um em-

pregado que serve a contento, ha 7 annos, perdesse o lugar?

É com essas ninharias que o Sr. quer passar por muito restricto e cuidadoso?

Ora deixe lá!

Os sete vintens foram pagos e a companhia ficou no mesmo.

Deixe se de tanto zelo a *vapor*, porque a a gerencia da *companhia*, ou empresa que é *bahiana*, não exige da parte de Vm. tanta severidade.

Previne-se a dous tolos que, por serem filhos de um moedeiro falso, que por felicidade tem escapado de ter a mesma sorte que teve o irmão em Portugal, se julgam com direito de desacreditar as familias, fazendo crer, e mesmo declarando em publico que estão apaixonadas por elles, mas que não dão importancia; que arripiem carreira, porque do contrario terão de experimentar o effeito de um instrumento com que na *costa* se costuma castigar os *pintos*.

O vendedor de pratos.

Ilm. Sr. Dr. chefe de policia.—Partecipo a V. S. que em um dia da semana passada, em uma casa de jogo na praça dos Veteranos, um moço filho de um escrivão já fallecido perdeu a quantia de cento e tantos mil réis em jogos fraudulentos, servindo de *tapea* um agente secreto da policia, que vive nessa casa dia e noite encobrando esta e outras velhacarias, valendo-se de ser agente secreto para pôr seus planos em execução. E para moralidade da policia, espera-se de V. S. providencias.

VARIÉDADES.

Nem tudo que luz é ouro.

SCENA I.

«Meu senhor.—Remetto a Vm. esse dobrão de cinco moedas por conta da divida. Vm. desculpará não ir mais desta vez; mas sabe Deus os tornilhos em que me tenho eu visto para arranjar isto mesmo; paciencia; o que eu mais estimo é mostrar lhe que sou amigo de pagar o que devo, e, que se já o não tenho feito, é por mais não poder ser: faça favor de entregar o recibo ao portador,—não é por Vm.; mas ha viver e morrer De Vm., criado mui affectivo, *João Antonio da Silva Nogueira*.»

Tal era o theor de um bilhete, que um rapaz lia, meio ás escondidas, no vão de uma porta da cidade baixa, na manhan de 7 do corrente.

Descia uma mulher com seu capote fino e

com apparencia de remediada, quando um sujeito, bem vestido, chegando-se ao rapaz e lançando os olhos ao papel, lhe perguntou:

—Quem te deu isso?

—Ninguem: achei-o na rua.

A mulher, que tinha sua bossasinha de curiosa, pára a escutar.

—Na rua!... continuou o interrogante, com gesto de suspeito.

—Sim Sr., na rua... assim Deus me salve a minha alma!

—Mas o que havia dentro deste papel?...

O rapaz perturba-se.

—Sim? o que havia dentro deste papel?...

Abre essa mão.

—Para que?

—Abre. Tal e qual: um dobrão de cinco moedas. Queres vender isso?

—Quero, sim, Sr.: quanto me ha de dar?

—Dou-te quatro moedas; hoje o ouro não está valendo nada.

—Ha de dar quatro e meia.

—Vae-te embora, não te dou senão quatro.

—Vá lá: desembulhe-as para ahí.

—Tu desconfias de mim?

—Eu não Sr.; e Vm.?

—Então... bata para ahí o cascalho ou cisque-se, que tenho mais que fazer.

Eu vou buscar as quatro moedas; espera-me aqui.

SCENA II.

(O rapaz só e a curiosa aproximando-se.)

Curiosa.—Deixa cá ver: então achaste na rua?

Coitado, foste feliz: cinco moedas, eim!?

—Qual cinco, nem meias cinco!... quatro!... V. não ouviu dizer aquelle casaca, que não está valendo nada o ouro?

—Não está valendo, não; para quem o não tem.

—Então, visto isso, elle comen-me, eim?

—Eu sei, filho, ha tanta coisa no mundo...

—Ora, quer V. apostar que o filha...

—Cala a bocca.

—Foi buscar algum *mancipal* para me botar a perder, ou ciscaram-se ambos com o dobrão: pois já me não poem o olho em cima, que me piso...

Dá alguns passos para fugir e volta atraz arrebatadamente.

—Quer a Sra. comprar este diabo?

—Eu tenho cá dinheiro para isso.

—Faça-se cantinga, se lhe parece, quanto dá?

—Não trago quasi nada.

—Quanto traz?

—1\$200, nem mais cinco réis.

—Vomite, e pegue lá; depressa, depressa.

Effectuou-se a troca n'um relance; e o rapaz desapareceu.

Passado um quarto de hora entrava a mulher pela casa de cambio para trocar o dobrão, e fazia o importante descobrimento de que tinha comprado por 1\$200 rs. um pedacinho, formoso e bem lavrado pedacinho de cobre dourado, em que só poderia perder 1187 rs.; porque 15 rs. valia elle aos olhos fechados.

EDITAL

Achando-se o governo deste navio sem policia secreta na freguezia de Brotas, em virtude de se ter formalizado e tornado inimigo implacavel da tripolação o respectivo agente, faz-se publico que se acha em concurso pelo prazo de trinta dias o referido logar.

Os proponentes deverão apresentar suas propostas em carta fechada na secretaria de bordo, com a competente nota das habilitações que possuem para desempenhar o logar. Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 8 de novembro de 1870.—O immediato, *Lima Barboza*.—Está conforme, *Xixi M. R.*

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

Não tendo comparecido o numero de senhores socios designado no art. 36 dos estatutos para a reunião d'assembléa geral, de novo os convido de conformidade com o art. 37, para domingo 13 do corrente, ás 10 horas da manhã, assim de ser-lhes presentes os relatorios do 1.º, 2.º e 3.º trimestres e bem assim os pareceres da commissão de contas. Bahia 11 de novembro de 1870.—*Joaquim Cassiano Hyppolito*.

No hotel Oito de Outubro, ao Caes Doutrado n. 91, continúa-se a receber assignantes para fornecimento de comida por mez, e por modico preço. Ratificamos que não aceitamos de qualquer negociante da praça quantia adiantada.

Todos os sabbados haverá mocotó gratis, e feijoada nas quinta-feiras de meio dia ás 2 horas.

O preço da colleção do vispora é a 200 rs. Concorram todos ao nosso estabelecimento, que serão tratados com a urbanidade do costume.—*Macedo & C.*

Vende se milho branco a 2\$700 rs. o alqueire, e dito vermelho a 5\$ rs. o sacco com 2 alqueires, no armazem defronte ao 2.º Gomes, rua dos Caldeireiros.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.^a

QUARTA-FEIRA 16 DE NOVEMBRO.

N. 717.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de novembro de 1870.

Portaria ao fiscal geral, perguntando-lhe si está derogada a postura n. 34 e si não está, a razão porque consente que os moradores do sobrado n. 20 á ladeira da Misericordia transformem em jardim aereo os parapeitos das janellas do referido sobrado, conservando sobre os mesmos cacos de flores, com risco imminente da vida de tanta gente, que pela mencionada ladeira transita. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Moradores do Caes Dourado, pedindo que se mande collocar um passadiço sobre a immensa lagôa formada pelas aguas estagnadas em frente ao destacamento, a qual alem de ser um germen fecundo de febres na actual estação calmosa, impossibilita o transito.—Informe a camara municipal, si é de utilidade a conservação das referidas aguas.

- Capitão, quem mais vive mais vê.
- Já viu peixe nadando em secco?
- Porem burro com honras de gato já.
- Expresse-se mais claramente.
- Vi um burro passeiando pelos telhados.
- Alvitreiro!
- E' exacto. Segunda-feira havia muito povo reunido em frente aos Arcos de Santa Barbara. Não querendo jurar falso, aproximei-me, e pasmei de ver um burro que andava sobre os telhados.
- Caso raro!...
- Mas por onde subiu o animal?
- Facilmente.
- Na ladeira da Misericordia ha uma cavallariça.
- E' exacto.
- E esta tem no fundo uma janella; por ella fez o bicho a sua digressão e foi grimpar-se nas barracas de fazendas, que ficam

parallelas á referida cavallariça; quando quiz voltar, não acertou com o caminho por onde tinha sahido.

—E' uma na verdade de fazer quebrar a cabeça, a quem não souber da explicação.

—Morreu uma creança na freguezia de S. Pedro.

—Para isso não era mister mais do que estar viva.

—E o pae, um tal Sotero, carnicero e boleeiro ao mesmo tempo, carregou com o corpo e foi deital-o em um dos açougues de S. Bento.

—Seria por ventura para regalar o publico com essa petisqueira de carne humana?

—O subdelegado de S. Pedro soube do caso e lá foi buscar o cadaver já em decomposição.

—A escolha do logar foi bem adequada e já que o rapaz tem tão bellos predicados, será bom que, quem pode aproveitá-os, não os desperdice.

—Porque vae esse homem levado á rastro?

—Por pedir fogo para accender o charuto.

—V. quer me flautear?

—Já lhe disse.

—Por tão pouco!

Já lhe rasgaram o paletot e a camisa,

—E não lhe dou muito tempo que não esteja nú.

—Tambem elle se ha de ir logo preso, torna-se tão renitente!

—E creio que toldado.

O Sr. Olavo Baptista vinha fumando, o cujo pediu-lhe fogo, o Sr. Olavo negou, seguiu-se d'ahi um insulto, e o Sr. Olavo, que é inspector de quartirão, prendeu-o: os soldados do 14 estão fazendo o que V. vê: espancam, rompem, arrastam.

—O mal que elle faz é não seguir; quanto ao motivo não é bastante para se prender a um homem.

—Si não é a força de *espirito* que está obrando, entendo que o sujeito faz bem desobedecendo a um acto illegal e arbitrario.

—Meu charo, nestes casos o melhor é ce-

der; V. bem está vendo que contra a força não ha direito.

—Eu gosto de fallar para que todos me entendam.

—E' como serve.

—Está certo da noticia que deu ha dias o *Jornal da Bahia*?

—Ellas são tantas.

—Que lhe pediam para *affirmar* não ser exacto que a companhia do olho-vivo andasse arrebatando chapéus, e que apenas se deu o unico caso do chapéu do Sr. Publio?

—E V. vem contrariar?

—Somente por gostar de minhas cousas bem claras.

—Então falle a verdade para Deus lhe ajudar.

—Na primeira festa dos Afflictos, alem de outros, arrebataram o chapéu de um empregado do proprio *Jornal da Bahia*, de nome Esteves.

—Parece que o *Jornal* quiz dizer que não foi o olho-vivo, quem andou praticando essas graças.

—Si foi isso estou calado, mas si não foi, pode mandar o *bocorio* do informante á tabua.

—E' isso que se vê!

Todos os dias destes alarmas no largo de S. Bento!

—Este englobamento de carnicheiros, quiandeiras e ganhadeiras, dá logar a tanto aranzel, á tanta turbulencia.

—E a falta de policia ainda mais concorre.

—Ha um soldado lá.

—Ora! uma andorinha só não faz verão.

O guarda é prudente, não se nega isso, accomoda, apasigua, mas ha gente que só se pode conter por meios energicos, e um soldado só para semelhante claque é poeira.

—O chefe de policia devia mandar para aqui, pelo menos, tres soldados para evitar sarceiros, como esse que acabou V. de ver entre o açougueiro Justiniano e uma ganhadeira.

—Na verdade houve cacete como terra.

—Que scena brutal!

Decididamente matam aquella desgraçada preta.

—Isto é deshumano, selvagem, iniquo, praticado n'uma rua pública!

—São soldados do 14 que conduzem da Correccão uma escrava da Sra. Maria Veridiana.

Chegando na Baixa dos Sapateiros querem, segundo as ordens que toem, que desça a ladeira do Taboão, e ella teima em ir primeiro ao chefe de policia.

—Só por isso tamanha crueldade!

—Si tudo que essa preta está a dizer da senhora, é exacto, é horrivel.

—Accusa-a de ter commettido crimes tenebrosos, de apossar-se de 4 voltas de cordão de ouro, 7 enfeites encastoados, 2 anneis, 8 padre-nossos graúdos de ouro, 5 voltas de coral grosso, 4 ditas de dito fino, e 2 panuos da Costa, que ella destinara á liberdade de seu filho.

—Isso é o menos.

—E já uma vez a Sra. Veridiana foi accusada de actos de barbaridade, e creio que até levada aos tribunaes pelo crime de homicidio.

—Foi, é verdade; mas isso caducou por que ella *cabalmente* defendeu-se.

—Creio em tudo isso; o que não posso concordar é que o corpo desta misera seja de ferro para levar tanta pancada, e que o publico seja obrigado a presenciar um espectáculo tão revoltante.

—Ando secco por achar quem me informe de uma cousa.

—Que não é de sua conta, sem duvida.

—Eu gosto de andar a par dos movimentos.

—E' peccado velho seu. Mas então o que temos?

—Não vê que disseram-me que um *pequeno* da companhia de *discipulos do mar* fôra ferido com uma canivetada; que o facto passou ignorado; que a ferida mal curada sarou exteriormente, mas interiormente arruinou a parte offendida, que agora indo para o hospital, o aggressor supplica fortemente a mãe do offendido para que este não descubra, e que os medicos, que o estão tratando, attribuem a ferida á outra causa, eu desejava saber ao certo si tudo isso é verdade.

—Não creia em tal.

—E' provavel; mas em fim....

—Emfim eu entendo que o Sr. não se deve metter naquillo que não lhe interessa.

—Os fiscaes quando passam nesta rua vendam os olhos e atarraxam os narizes.

—V. ainda cresce!

Por ventura perderam elles alguma cousa na travessa da ladeira das Hortas para virem procural-a? Uma rua que não tem tavernas, nem açougues, nem quitandas.

—A empreza do acoio, essa anda bem deslembrada de suas obrigações, ou nunca lembrou-se dellas.

—Os moradores que supportem essa exhalção pestifera, e tenham diante dos olhos tão nauseabundas e immundas matorias.

—Concertaram o cano o toda exerescencia,

todo esterquilinio depositaram ao pé do muro, aos ardores dos raios solares, beneficiando a saúde da vizinhança.

—E por quebra o proprietario deste predio abriu um cano desaguando para a rua materias feacas e agoas servidas. De sorte que de manhan é-se obrigado a receber pelas ventas tão refrigerante aroma e a empregar a vista sobre tão confortaveis objectos.

—E' um nunca acabar de miserias e de leixo!

A noite.

Muito juizo demonstrou o Supremo Architecto de todas as cousas formando a noite: si fôra elle gente d'este mundo, dissera eu que a tinha apreciado primeiro, pois que não houve de tudo quanto fez, nada melhor, nem mais apreciavel do que a noite. Ella é segundo disse o poeta, a protectora dos amantes, a quem lhe fez perguntar á querida de seu pensamento:

Nise gentil, será, meu bem possivel
Que hoje eu colha as dulcissimas premicias
De minhas esperanças vigorosas,
Do Deus frecheiro pelas mãos mimosas
Da tua boca fonte de caricias,
De teus olhos travessos?

E si a noite não fôra, talvez Nise dissesse que não; mas a belleza é sempre facil de dizer—sim—quando alguma coisa si lhe pede para essas horas de escuridão, em que se não divisa o pejo de rubicundas faces, nem os olhos se podem ver distinctamente, deixando toda a apreciação á força do pensamento.

E si a noite não fôra, o que seria da humanidade? Si a não tivera o sabio para em seu silencio meditar; si a não tivera o homem para descansar de todas quantas fadigas aguenta no penoso trabalho do dia. Oh! a noite é um grande presente do ceu enão ha quem a não a aprecie.

Não sei o que é, mas um divertimento que não entra pela noite e acaba as horas de sahir o pão quente das padarias, não é divertimento; e si assim não é, que venha alguém desmentir-me. E d'ahi nasce que as bellas se captivam com o suspirar apaixonado d'aquelle que lhe arrasta a aza, si esse suspirar se faz sentir em alta noite. Ficam todas derrotadas e feridas debaixo do peito esquerdo e entregam-se como pombas em armadilha.

A ideia destas linhas me appareceu no meio de um pagode durante a noite. Estavam mais de meia duzia assentados á uma porta: o silencio da noite era interrompido por bella e harmoniosa serenata, e eu assentei de não deixar aquella que assim protegia nosso di-

vertimento, sem uma coisinha que se parecesse com seu elogio.

De noite todos os gatos são pardos. E é verdade que a noite transforma as pessoas, fazendo parecer muito differentes do que são de dia.

Vêde aquelle sujeito embrulhado em seu capote, de chapéu desabado e que ninguem conhece de noite, e que lá vae embocando em casa de uma belleza mercenaria, que nem por isso é para desprezar? Vendo-o assim julgareis sem duvida que é um tal ou qual quidam. Pois o homem que agora de noite não passa de um encapotado, de dia é um commendador, tido e havido por homem serio e incapaz de frequentar casas taes. Mas a noite borra a commenda de preto, torna desconhecido o commendador e dá com elle na espelunca da peccadora.

Vêde aquella porta travessa em rua deserta que se abre divagarzinho para dar entrada a um vulto negro, como as sombras que o rodeiam? Pois aquella porta de dia está fechada e aquella casa goza da maior reputação. Mas de noite ha quem se embrulhe na sua capa pora alli penetrar.

Vêde aquelle rapaz que por alli vae bem frescamente a fumar o seu charuto, a dizer a sua graça e a fazer coisas e coisas? E' rapaz e faz tudo isso por causa da noite que o favorece, porque de dia é um desses fradalhões hypocritas, que passeiam com os olhos baixos pelos dormitorios de seu convento. Triste delle si não tivera a noite por desabafo de seu cordão.

Vêde finalmente aquella mulher de capona pela cabeça que lá vae e que julgareis talvez alguma pobre e miseravel pedinte? De dia é uma moça linda, de boa familia, a quem todos tratam com respeito, dão excellencia, pedem para tocar um bocadinho e aspiram para mulher. Mas á noite se aproveita do tempo, em que o pae está a jogar em casa de algum amigo, e com aquella capona que a desfigura, porque de noite todos os gatos são pardos, vai muitas vezes tomar ventura em casa de algum candombleseiro, porque alguém tal lhe metteu em cabeça.

Confesse se pois que a noite é grande coisa. Si ella não fôra, muita coisa se não faria, e se fôra possivel acabar com ella parece que as mulheres enviariam ao seu instituidor um nós abaixo assignadas, porque fallando sem paixão, ellas são que mais se aproveitam da noite.

A PEDIDO

—Meu charo ajudador, quer mostrar que é cousa, cim?

Assim moloquo!
 —Dirigo-se a mim?
 —A V. mesmo, meu bravo.
 —O que pretendo?
 —V. passa com a parada pela porta da sua bella na rua das contas enfiadas e rende-lhe continencia.
 —O Sr. viu?
 —Quando ella está na janella. No domingo dos judeus, por exemplo.
 —Tambem foi só esse dia.
 —E será bom que não faça mais.

—Capitão, tome.
 —O que, meu rico?
 —Esta, que é bôa.
 —Safal!.....
 —Escute. Um homem *amisiado* com uma crioula, tendo della duas filhas, e *por riba* sendo seu *compadre*, isto, é, da crioula, a quer vender—amasia e filhos!.... Que tal, capitão?
 —E' horrivel!.... Ella que se agarre com S. Luiz, ou senão vá a S. José que está na rocha, para fazer algum milagre.
 —Capitão, isso é nada: esse tratante de *sapateiro* virou logista, proprietário, etc., etc.
 —Capitão eu volto para lhe contar o resto.
 —Até as uvas.

VARIÉDADES.

● que é a mulher

A mulher é uma rosa,
 que tem espinhos.
 A mulher é um espelho,
 que reflecte os defeitos,
 A mulher é um chapéu,
 que logo desaba.
 A mulher é um cabide,
 que traz muitas roupas.
 A mulher é um calix,
 transbordando de fel.
 A mulher é uma brasa,
 coberta de cinza,
 A mulher é uma cascata,
 que sempre sussurra.
 A mulher é um relógio,
 que a lingua desperta.
 A mulher é uma faca,
 que a muitos corta.
 A mulher é um vidro,
 que ao ar se quebra.
 A mulher é um jornal,
 que só consta de noticias.
 A mulher é um barómetro,
 que anuncia tempestade.
 A mulher é thermómetro,
 em constante negativa.

A mulher é uma capa,
 que nós anda ás costas.
 A mulher é taboleta,
 que tem muitas joias.
 A mulher é corrente,
 que nos prende ao ceppo.
 A mulher é deusa,
 que não faz milagres.
 A mulher é um anjo,
 que nos traz o mal.
 A mulher é uma rainha,
 que decreta raios.
 A mulher é uma rabeça,
 que sempre faz orquestras.
 A mulher é uma Doutora,
 do direito das modas.
 A mulher é medico,
 que nos sangra a algibeira.
 A mulher é rabula,
 que em tudo chicanêa.
 A mulher é padre,
 que nos arranca os segredos.
 A mulher é sargento,
 que não falha o diario pret.
 A mulher é tambor,
 que rufa desd'aurora.
 A mulher é clarim,
 que nos chama a postos.
 A mulher é peça raiada,
 que nos estraga o coração.
Pacifico das bolachas.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

O conselho desta sociedade está distribuindo por todos os senhores socios, que se acham em dia no pagamento de suas mensalidades, e que não compareceram á sessão d'assembléa geral, no domingo 13 do corrente, os relatorios impressos dos trimestres 1.º, 2.º e 3.º, afim de que melhor possam conhecer da maneira por que o conselho administra os interesses desta pia instituição. Bahia 14 de novembro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*.

Vende-se um preto escravo de nome Pedro: quem pretender dirija-se á rua do Fogo, casa do general Muniz.

Vende-se milho branco a 2\$700 rs. o alqueire, e dito vermelho a 5\$ rs. o sacco com 2 alqueires, no armazem defronte ao 2.º Gomes, rua dos Caldeireiros.

Precisa-se nesta typographia de um distribuidor.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.^a

SABBADO 19 DE NOVEMBRO.

N. 718.

1-0-1

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs. PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de novembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Victoria, chamando sua attenção para o indecente costume de irem praças do 14.^o batalhão tomar banho e lavar roupa nús na fonte do Sr. Cock, ao Garcia, preterindo assim que as familias, que moram na circumvisinhança, possam andar livremente, a não quererem ser testemunhas de quadros, que o pudor não tolera.

Confia-se que S. S. será solícito em providenciar.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do 2.^o districto de Santo Antonio, para que procure de uma vez acabar com o abusivo uso de passarinhar-se pelas estradas publicas, mórmente do Cabulla, onde nos domingos apparece uma alluvião de caçadores a atirar a torto e direito, sem se lembrarem do mal que podem causar, como no domingo atrasado nas visinhanças da roça do Sr. Carvalho, em que por poucas não mandam um vivente para a contra-costa.

Alem disso é bom evitar conflictos desagradaveis que se dão, em consequencia de invadirem os mencionados caçadores as roças para colher fructas e caçar as criações alheias.

Portanto, espera-se que S. S. procure, como estiver a seu alcance, fazer cessar tamanho inconveniente.

—Na terça-feira de madrugada acordei sobressaltado.

—Effeitos de algum pesadello.

—Nada; gritos que estrondavam e acordaram tudo atordoado por ali.

—V. onde mora agora?

—N'Agua-brusca.

—Mas que gritos eram esses?

—Uma mulher preta que ia ajujada como porco, conduzida por seis pessoas.

—A tal hora?..... E' para fazer reparo.... Para onde iria?

—Embarcaram-na em uma lancha atracada ao Cacs d'Agua de Meninos, a qual largou no mesmo instante.

Entre os gritos da preta sobre-sahia bem —Ei... cravo de Meiri Vridian!...

—Rapaz, porque não procurou esmiuçar esse mysterio?

—Eu que não procurasse! Assim que rompeu o dia, andei indagando e soube logo que era uma escrava presa na Correção, cuja senhora a mandava embarcar para fora.

—Está celebre! Pois eu tenho o que é meu, e preciso me valer da escuridão para dar-lhe destino!

—Que diabo de alarma é aquelle ali na rua da Lorangeira?

—E' um preto africano, morador na casa n. 100, que espanca a duas pretas tambem africanas, as quaes sahiram para a rua nús, e uma dellas armada com uma faca de cortar peixe.

—O caso é que um facto d'esta ordem, hoje quarta-feira, e á claridade da luz meridiana, a policia não vê.

—Ora essa! como é que deita-se um porco em cima do soalho, incomodando a visinhança com seu grunhido, principalmente á noite!

—E em baixo do sobrado tem uma taberna.

—Olhe que nessa rua dos Ossos veem-se cousas!...

—Capitão, achando-se V. Ex. sem policia secreta na freguezia de Brotas, venho-lhe communicar alguns factos, que se teem dado no 1.^o districto.

—E eu agradeço-lhe, porque então ficará substituindo a falta do nosso agente, que retirou-se formalizado com a tripolação.

—Em um destes dias, passando uma carroça do Sr. Noronha, o carroceiro foi acommettido por dous sujeitos mascarados, que apunhalaram os burros, poupando-lhe a vida. No dia immediato picaram todo o capim e

plantação da roça do mesmo Noronha e incendiaram.

— Isto está parecendo alguma perseguição, que contra elle exercem.

— Não sei; convem que a policia tome alguma providencia a este respeito.

— Diabo! diabo! diabo! diabo! diabo! diabo!

— Que tantos diabos são estes?

Que diabo chama tanto pelo diabo, hoje quarta feira, ás 11 horas da noite?

— E' o official que está de guarda em palacio, que, como um possesso, descompõe os soldados.

— Safa! que milheiro de diabos!

Credo! cruz! Ave-Maria!

— O becco do Pedroso está reduzido á estribaria!

— A' estribaria e a chiqueiro!

Uns vem com seus cavallos e amarram aqui, outros fazem d'aqui cloaca ourinatoria.

— Mas o que havemos de fazer? Quem remedio não tem, arremediado está.

— Eu queria chamar a attenção da camara municipal para que mande o fiscal prohibir que se amarrem cavallos aqui, tomando assim o transitio.

— Perde seu tempo, porque os camaristas estão divorciados.

— Hoje quanto é do mez?

— A folhinha marca 17.

— E até esta data os operarios do arsenal de marinha estão fazendo cruz na bocca a respeito de dinheiro! Entretanto d'aqui ha tres dias vence-se outra dezena!

— E' sempre esta demora! Não sei ao que attribúa isso.

— Ao descuido ou atrazo que ha em se a promptar a folha.

— E pobres homens, sobre-carregados de familia, que trabalham para receber no fim de dez dias, que soffram, porque quem tem sua barriga cheia não se lembra que os mais tem necessidade!

— E' uma falta indesculpavel, uma complicação que parece ser eterna! Quem trabalha no arsenal não pode ter palavra, nem ser pontual nos seus compromissos, porque anda sempre atrazado no recebimento de seu trabalho.

— No tempo em que aquella repartição tinha 300 e 400 operarios, as folhas eram sempre promptas a tempo e os pagamentos em dia, hoje que o pessoal está reduzido talvez a menos de um terço, é essa delonga que se vê!

— Parece que os apontadores actuaes são atacados de incuravel morosidade.

— O unico recurso que ha é appellar para o Sr. intendente que se lembro, que esses homens são pobres jornaleiros e que com o que ganham é que proveiem ás suas necessidades.

— Ha uma hora que dura o diabo desta perlanga!

— O bond parado e tanta gente empitada!

— Entrou um passageiro fumando; o caixeiro advertiu-o de que não o podia fazer; o homem apagou o charuto, mas conserva-o na mão. Entende o caixeiro que nem isso é permitido e manda parar o trem.

— E' uma restricção muito rigorosa.

— Uma sem-rasão.

— E neste segue não segue, os mais perdendo seu tempo!

— E eu que tenho tanta pressa de chegar ao Campo Grande e que por isso comprei passagem e agora aqui como a mãe de S. Pedro.

— Si tem urgencia vá ao caixeiro que lhe resgate o bilhete e siga a pé.

— Já fiz isso; mas o moço diz-me que vá receber na companhia.

— Está o que é cassuar!... pois o publico tem culpa das complicancias da companhia? Promette-se uma viagem regular, contando com ella para chegar á hora certa, embarca-se uma pessoa, ha demora que não é occasionada por força maior, e o empregado da empresa nega-se a remir o bilhete que vendeu!

— Em verdade estes Trilhos Urbanos precisam de trazer o seu serviço mais bem determinado.

— Capitão, vou lhe contar um facto que se deu na quinta-feira no deposito de massas á rua Direita de Palacio, n.º 21.

— Ora vamos com isso.

— A creoula Clothildes pediu ao caixeiro do deposito para lhe escrever uma carta e deitou o balaio sobre o balcão.

N'essa mesma occasião entrou Ermelindo do Nascimento e logo depois sahiu.

Tendo acabado o caixeiro de escrever a carta, Clothildes vae deital-a dentro do balaio e dá por falta de doze mil réis, que lhe haviam saccado.

Não tendo ella encontrado dentro de seu balaio o dinheiro que trazia, deitou suspeitas sobre o caixeiro; este tractou de se justificar; mas Clothildes não quiz attender as suas justificações e grita que elle a havia roubado.

— A tempestade complica-se!

— Sabendo do facto o amasio de Clothildes, vem ao lugar do occorrido e a encontra em alarma com o caixeiro; mas tracta de indagar quem havia entrado no deposito, na occasião

em que o caixeiro escrevia a carta, e sendo-lhe dito que Ermolino, sahiu em procura dello e o encontrou na ladeira do Carmo.

Agarrando o e exigindo d'elle o dinheiro, esto o entregou pedindo-lhe que nada fizesse contra elle, visto como elle sabendo que aquelle dinheiro era do amasio de Clothildes, e o vendo em mão de um sujeito que o havia achado, tomou-o para fazer-lhe entrega.

—A desculpa não foi má!

—Veja V. Ex. como a companhia do olho-vivo é incansavel em suas escamotagens!

—Mas que quer; é tempo de festa, precisam de dinheiro para fazerem seu *toilette*.

—Os frades franciscanos dão hoje algum banquete?

—Porque?

—Vejo estar entrando para o convento tantos tableiros de comida.

—E' o resto do banquete offerecido ao conselheiro Zacharias, que mandaram para ser dividido pela pobreza.

—Muito bem! muito bem! E' um acto louvavel!

A PEDIDO

—Capitão, attenda, que esta não é má.

—Ora vamos, faça bom proveito e diga o que quer.

—Na cidade da *Fabrica de tecidos*, ha um celebre Fr. *iscando*, que com ares de *macaco enfesado*, querendo inculcar-se de *santarrão*, vae passando vida *folgada e milagrosa*.

—Sempre está V. a inventar cousas!

—Não é invento, é realidade. O tal marreco tem uma *afilhada*, com quem vive na mais completa...

—Na mais completa o que?

—Eu mesmo não sei o que responda-lhe. Fique certo porem, que o tal *sujeitinho* é um *finorão*. Desespera-se por não poder casar com a *afilhadinha*. Chama o seu *vestido* malvado, etc., nomesinhos que fazem gosto. O melhor de tudo é vel o nos seus *colloquios amorosos*; enceba o cabello e anda cheiroso, que parece um *janota*; é *faceirão*. Faz rir, quando falla, ou canta pelos tremelicados de sua voz affectada—é um verdadeiro bichinho de realajo. Agora, senhor de *boa e rendosa* freguezia, rouba dos *incautos e indulgentes* freguezes, como uma *harpya*; já é conhecido pelo *distincto e historico* nome de Lucas de..... e pretende assim enriquecer e immortalisar-se.

—Então não tem mais nada a dizer?

—Muito; porem ficará para outra vez, pois ainda torno..

—Então; antes de ir, reccomende ao

commandante do vapor, que para atracar a-marre-se á cabeça do *frade*, que vou mandar sinear ao caes. Veja bem.

—Sim, Sr.... Pouco me importa, que a corda ou o *frade* se arrebente e que o vapor vá á garra. Este mundo é de quem mais pesca. Quem é tolo para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue.

—*Tibi*.

—Capitão, venho lhe communicar um facto vergonhoso, que se deu no banquete offerecido ao chefe do partido liberal.

—Estou ao seu dispor.

—O filho de um doutor conservador *agapitado*, que nem por S. Thomaz lhe direi seu nome, apresentou-se no banquete e tirou um queijo londrino e um talher de prata, que lhe foi tomado das mãos por um dos criados, que estavam servindo a meza.

—Que miseria!

D'aqui, no lugar em que nos achamos, cendem não declinar seu nome.

—Si fosse o filho de algum artista pobre, seria immediatamente preso como ratoneiro; mas como foi o filho de um doutor, isto não passou de uma simples *gaiatada*.

—Bons olhos o rejam, meu rico, muitos dias são passados depois que não o vejo.

—Capitão, agora mesmo estou chegando da villa da *louça vidrada*.

—Andou por lá? Já sei que regalou-se no aprazivel *Jacu-ripe*.

—Alguma cousa.

—E deve tambem ter tomado bons apanhamentos.

—Oh, capitão, é o que me traz á sua presença. Estou impando com um facto revoltante.

—Pois vá tratando de desabafar seu peito.

—Quero falar de um casamento feito á faca de ponta.

—*Horribile dictum!*

—Uma empalmação forçada n'um par de contos de réis que possui uma joven orphan de 14 annos, arrancada dos braços de sua contristada mãe e entregue á avidez metallica de um pobre diabo, que possui a noite e o dia, e pode ser *professor* de cubiga desmarcada.

—Conte-me essa cancaburrada. Então casaram a moça contra a vontade da mãe?

—E dos irmãos.

—Como se arranjou essa rosquilha?

—A menina foi illudida e coagida a dar o sim em um passeio, a que foi convidada, sem a presença da mãe, concorrendo para isso o *juiz dos filhos sem paes*, seu escrevente, o *pastor das almas* e uma certa *authoridade*.

Empregaram meios reprovados para fazer pressão no espirito da timida e acanhada donzella e constrangeram-a a dizer que consentia na tratada; e obtido o sim, forjaram a vapor essa vergonhosa cilada, de sorte que a mãe teve noticia quando o escandalo estava quasi consummado. Toda a opposição do sua parte, bem como dos parentes, foi baldada. A moça é levada ao pé dos altares e diante de Deus sancionou-se o execrando acto, cujo unico fito era somente a posse de seus bens.

—Quanta bandalheira se pratica ali por este mundo!

— Em todo esse tropel de desmoralisação e sceleratez andou o dedo, foi principal author um individuo por demais conhecido nos annaes da fraude, do roubo, das concussões.

Um criminoso que já arrastou no pé uma pèga na cidade da *Catadupa*.

Um falsario que *firme no intento* de arrebatat o alheio, vive qual *salta-martin*, de alicantina em alicantina... uma especie de *Hermogenes* que houve em outras eras.

Foi sob a influencia maligna de tão perverso ente, que se realisou a obra da iniquidade, contrafazendo-se a vontade de uma mãe desvellada e sacrificando-se o futuro de uma joven.

Esse individuo que anda *firme no proposito* de commetter tranquiernas já teve a audacia de falsificar uma firma e com ella ir á *Latronopolis* receber 300 arrateis de charque, sendo preso na cidade da *Catadupa*, na occasião em que punha em guarda o fructo de seu latrocinio, pelo que foi ali cantar de gaiola.

Em algum tempo *procurou* para si na camara dos *varredores* e teve astucia de illudil-os, fazendo-os attestar a existencia de um deposito de 3:000 \$ rs., quando de tal dinheiro não havia nem fumaça!

Foi um homem deste jaez, um reu convicto, um falsario, um falsificador, quem dirigiu o plano para a execução de um crime.

— Mas que quer, si elle achou coadjuvação naquelles mesmos que deviam ser as atalaias da observancia da lei?

Braço cortado não tem remedio; agora o que está feito não se pode desmanchar.

Perguntas innocentes.

Porque razão certo official addido ao batalhão *sete* com *sete* não uza do fardamento que lhe compete? Será porque não o tem? é incrível; pois elle ha pouco recebeu tres mezes de soldo por adiantamento para uniformisar-se. Entretanto, ainda faz o serviço de blusa, e..... á vontade.....

*
* *

Um official de um dos corpos do sul, ad-

dido a um corpo de linha nesta cidade, só faz guarda no paço; porque não faz guarda tambem na correccão? Será por causa dos dous bois de côco, que o pobre preso ainda chora pelos cobres, ou porque o *tal* fazia das grades das prisões o seu hotel?

Não houve ordem para os officiaes do *sete* com *sete* desoccuparem o quartel da folha de *palmeira*? e como ali ainda se acha um official do *baluio* addido a aquelle batalhão? Será para estar incommodando as familias que por ali moram? reunindo em seu quarto uma baderna de negras e vagabundos?! Comprando na venda sem pagar ao taverneiro?!

Tudo isto acontece sem que tomem contas ao feliz mortal.

Ha tanta cousa, que dá para o carregamento de uma *alvarenga*, indo para Salles.

O Alexandre.

Sr. redactor.—Publicando ha dias o *Alabama* uma noticia de que o filho de certo escrivão fallecido perdera em uma casa de jogo certa quantia, para evitar duvidas que queiram fazer recabir sobre mim, queira declarar com quem se entende.

João Pinto Barretto.

S. S. deve contentar-se declarando se-lhe que a publicação não lhe é allusiva e sim ao filho de um escrivão de subdelegacia, das muitas que ha na provincia.

A Redacção.

Leva-se ao conhecimento do Sr. subdelegado de Sant'Anna que na quinta-feira houve forte desordem no becco do Araçá, proveniente de jogo que alli ha em uma casa, havendo muita pancada e extraordinaria algazarra.

E' preciso S. S. olhar para isso.

ANNUNCIOS.

As pessoas que quizerem comprar alguns objectos para casa, bem como: marquezas, cadeiras de braço, bancas de jacarandá, uma cella de Santo Antonio, diversos jarros e figuras para enfeitar mezas, um par de escurradores e uma meza sobre cavallo para jantar, dirija-se á rua da Poeira, casa n. 56, para tratar.

Prevenção.

Brevemente serão publicados por este e outros jornaes os nomes de diversos individuos, que teem cartas na loja de calçado de Luiz de Oliveira Vasconcellos, á rua Direita da Misericordia.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª

QUARTA-FEIRA 23 DE NOVEMBRO.

N. 719.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de novembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance, afim de fazer cessar o barbaro e estúpido divertimento de deitar-se gallos á brigar, divertimento esse que bem mostra o atrazo de civilização desta terra.

Tomando pois S. S. as providencias precisas para acabar com semelhante brinquedo, a nossa civilização dará mais um passo de adiantamento para o seu progresso.

Espera-se ser attendido.

Portaria ao fiscal geral, para que vá incontinenti intimar a quem mora no sobrado n. 29 á ladeira da Misericordia que tire de sobre os peitoris das janellas dous grandes cacos com pés de craveiros, os quaes, como estão collocados, com qualquer tombo ou descuido virão á rua esborrachar a cabeça de quem for passando. Cumpra.

—A infancia é o symbolo da innocencia, mas nem sempre os brinquedos de crianças trazem o cunho da innocencia.

Ora, quotidianamente ajunta-se na ladeira do Bercó de oito a dez meninos.....

—Cada marmanhão, e V. chama crianças!

—Ensebam umas taboas e largam-se sobre ellas pela ladeira.

O brinquedo é perigoso, porque no impeto que leva a taboa, quem vem do lado de baixo corre risco de ser offendido, por não ter tempo de desviar-se de algum encontrão.

—Um dia desses uma crioulinha quasi quebra a perna; ficou com o pé desmentido.

—E como o brinquedo não é dos mais agradaveis, bom será que quem pode, lhes dê a fazer alguma cousa de mais utilidade.

—V. foi ao jantar politico-liberal?

—Faltou-me o toilette recommendado.

—Mas provavelmente leu a descripção.

—Ah, isso é verdade.

—É o que me diz?

—A respeito?

—Que explicação tem brindarem a todas as classes, menos a dos artistas?

—Uma omissão, esquecimento talvez.

—Fatal esquecimento, na verdade, para uma classe que em outras occasiões é tão invocada! Ella que, ao menos nesta terra, constitue a maior parte do povo, foi logo a que não foi lembrada em um banquete de democratas!...

—Tambem artista o que tem que ver com politica? Vota, paga imposto e adeus saudades.

—Quantas vezes tem se fallado neste precipicio prestes a abafar uma porção de viventes, aqui na rua do Tinguí!...

—Já não tem conta.

—Entretanto o perigo continua sem que ninguem se lembre de prevenil-o.

—Ainda um dia destes cahia um pedaço de parede sobre o telhado da casa vizinha.

—Depois que acontecer uma desgraça, quando o mal fôr irremediavel, choverão as providencias.

—Com as paredes do gazometro tambem succedeu assim; bem que se advertiu; não fizeram caso; até que uma catastrophe desastrosa foi a consequencia de tanto descuido.

—Capitão, acaba de passar-se nesta cidade um facto horroso, e do qual a policia já tem conhecimento.

—Mas eu ainda ignoro.

—Pois vae saber.

—E já estou ancioso.

—Em um dos dias da semana passada, no hotel *Mullen*, foi deflorada uma menina de 13 annos de idade.

—Bom! Conte-me isso.

—Um moço de nome *Maiscoso*, empregado publico, levou-a para o hotel *Mullen*, alugou um quarto, e para poder conseguir o seu fim sinistro, deu-lhe bebidas alcoolicas e depois

que a viúva spiritualisada, saciou os seus brutos e perversos desejos.

—Que monstro!

—Depois de consumir o crime, a menina poz-se a chorar, e quatro inglezes que se achavam no hotel entraram a notar, fallando muito alto, o que fez com que o *cujo* escapulisse, deixando no quarto a victima.

—Ora, tendo sahido antes o dono do hotel em busca da policia, entrou, depois d'elle haver se posto a salvo, acompanhado do delegado, que mandou levar a pobre criança para a casa de sua familia, e ficando impune o monstro destruidor de sua virgindade.

—Que horror!

—Eu não garanto a veracidade do facto porque o presenciaste, mas por m'o haver contado um companheiro de repartição do tal *Maiscoso*, e por ter ouvido de varias pessoas.

—Em todo caso, convém levar ao conhecimento do Sr. Dr. chefe de policia, a fim de que, syndicando, procure o fundo de verdade que abi existe, e dê as providencias que o caso urge, segundo seu character de autoridade justiciera.

—Capitão, dão-se factos nesta cidade que ficam inteiramente incognitos!

—Já V. vem com alguma descoberta.

—A camara municipal está manchada em seus brios!

—Porque?

—Então V. Ex. não sabe que um dos seus membros foi desfeitoado por um empregado de lá?

—Que me está dizendo?

—Estou dizendo-lhe a verdade; mas o empregado tem muitos padrinhos, e o vereador, o eleito do povo, ficará desfeitoado!

—Que vergonha para a Bahia!

—E por causa d'isso os vereadores andam divorciados!

—Pobre terra de Cabral! Até quando sendo tu a primeira de tuas irmans, ficarás no olvido e representarás o papel da ultima dellas?!

—Basta, senhor; modere seu enthusiastico genio!....

—Que desaforo!

—Todos os domingos, aqui no largo do Theatro, é isto que V. vê!

—Ajunta-se um rancho de moleques e meninos sem educação alguma, e toca a jogar pedras para um e outro lado, fundos de garrafas e o diabo a quatro que elles encontram, e por fim accommettem uns aos outros de cacêtes.

—E ninguém pode atravessar aqui com este chuveiro de pedras, salvo se quizer tomar alguma pedrada pela cara!

—Mas que quer; são os bairristas de S. Pedro e da So.

—Bom!

E a policia porque não dispersa esta sucia de malandros?

—E' preciso que so a vá buscar e a traga pela mão para então ella cumprir o seu dever.

—Neste caso é cega.

—Vê, mas faz que não vê.

—E' o peor cego, é aquelle que não quer ver.

—Dizem que fallecendo Francisco Antonio Vieira deixara em seu testamento uma verba libertando a 15 escravos, cuja verba até hoje não foi cumprida e pelo contrario se acham alguns desses infelizes curtindo os horrores da masmorra da Correção, sendo que 9 dellas ja foram vendidos por 3:000\$ rs.!

Sem querer encarregar-se de asseverar a exactidão do facto, apesar de muito propalado, com tudo chama se a attenção das authoridades a quem competir para um facto tão grave como o da liberdade de 15 individuos.

Hoje que em nosso paiz a opinião publica desperta se de seu somno secular e procura solução para essa grande questão social— a liberdade de 15 individuos deve interessar vivamente a aquelles que são encarregados da missão augusta de administrar a lei, e a ser verdade o caso da venda de 9 escravos por 3:000\$ rs., elle só basta para derramar muita luz neste negocio.

Repetimos, o que dizem pode não ser exacto, e até acreditamos; mas cumpra cada um seu dever aconteça o que acontecer.

—Veja uma de frade.

—Diga.

—Um certo beatissimo tinha duas confessadas; as quaes por seus conselhos *deixavam o mundo*.

Uma, apesar de madura, ainda está frescalhona; e a outra é inteiramente moça.

Confessavam-se uma vez por semana; quem entrasse no convento dos Scraphicos em Latronopolis havia de ver as duas beatas, as quaes se tratavam por irmans por serem confessadas do mesmo beatissimo, de camisas de mangas compridas, extensa correia pendente, cabisbaixas e constrictas nos pés do seu director de consciencia; mas agora quem lá for só ha de ver uma, a creoula Lucinda.

—E a outra?

—A outra o reverendissimo cathequisou-a tanto, deu-lhe tantos conselhos, insinuou-lhe uma vida de macerações, de sorte que a rapariga adoeceu de uma hydropesia de ventre e está para cada momento.

Eu não sei como foi; o caso se deu depois que a mãe da joven arrependida adoeceu, e esta chorando a seu confessor que não tinha meios para tratá-la, elle la foi em casa levar-lhe soccorros corporaes.

Dessa epocha ninguem mais viu a beatinha no convento, e depois quando a viram foi com o ventre inchado pela formidavel hydropesia.

—Mas o reverendo continuou a soccorrel-a?

—Com pena, capitão, tomou a si o cargo da casa.

—Frade é gente muito charidosa!

—S. Francisco ajude a esse a boa obra que faz.

A PEDIDO

Xixi Mulher de mouro Flor que tem espinhos, é um individuo assomado, irascivel e rancoroso. Seu coração é requeimado pelo mais violento odio, sua alma embebe-se nas profundezas de vil e mesquinho orgulho, assim como sua lingua é saturada de torpe maledicencia.

Xixi Mulher de mouro Flor que tem espinhos abusou sempre da immuniidade da imprensa para cevar seus odios calumniando e atassalhando aquelles a quem nutria aversão.

De estatura movida, tanto tem a figura á tacção de bota, como o espirito lhe transborda impregnado de detractação.

Pequeno no tamanho é grande na difamação.

Não alcançando certa pretensão disse n'uma gazeta horrores d'uma corporação deliberativa; insultou, imputou os mais desairosos baldões a seus membros.

Era o melhor fornecedor de noticias dos actos dos mais.

Sua lingua viperina de todos depunha.

Uma vez era um visinho que matou um escravo á pancadas e enterrou no quintal do que tendo conhecimento a authoridade foi ao logar e descobriu o crime, porem por condescendencia atabafou-o culpavelmente.

Outra vez era um senhor que amarrou a escrava ao rabo do cavallo e arrestou-a publicamente pela estrada.

Outra um finado barão que prohibiu que moradores de seu dominio fossem a certa festa patriotica, sob pena de lhes mandar deitar as casás abaixo.

Quando não, era o vigario da freguezia que deixava seu cavallo ir profanar a morada dos mortos pastando dentro do cemiterio; ou então certo tenente-coronel das corcovas que commettia abusos e arbitrariedades.

Era o espião da vida intima de seus visinhos e então, dizia elle, a imprensa chistosa o

critica era uma necessidade: refreava os abusos, continha os excessos da authoridade e impunha um paradeiro as arbitrariedades; chasqueando corrigia os defeitos sociaes e propugnava pelos direitos do fraco.

Mas um dia cahiu-lhe o raio em casa e aquelle que tantas thesouradas havia dado no procedimento alheio teve de levar tambem sua beliscada.

Foi a pena de talião.

Xixi Mulher de mouro Flor que tem espinhos mudou de opinião, tornou se outro. Blaterou, espumou. Aquillo que em sua opinião até então era um bem, um remedio para o corpo social, tornou-se um mal pernicioso, um cancro.

Cego de raiva, vomitando bilis, foi procurar o irmão de um individuo sobre quem elle mais tinha feito pesar o afiado gume de sua deturpação, pintando-o com as mais horrosas côres, como o cumulo de monstruosidade, e contando-se já victorioso á sombra de um carvalho planejou exercer a mais execranda, vil e mesquinha vingança.

Xixi empregou todos os meios, não poupou recursos para saciar sua indomavel e rancorosa indole; mas pode ser que tudo lhe saia azar, porque Deus não quer cousas mal feitas. Espume muito embora como um cão hydróphobo, brade como um possesso, uive como uma hyena, não ha de ser para cevar seus caprichos fatuos que se ha de postergar as regras do justo e do direito.

Não ha de ser o seu louco e vertiginoso tresvario que ha de pôr tropeços para que não saia triumphante a causa da razão e da justiça.

—Capitão, nunca ouviu fallar no *viveiro* pequeno dos aprendizes de corôa?

—Ja ouvi; é onde elles se preparam.

—Mas como é que os *mestres* dalli desaprovam a todos os que nãs são de casa?

—Pois nem os filhos dos amigos escapam!

—Não sei, mas o que dizem é certo.

—De duas uma: ou os *mestres* dalli sabem mais do que os outros, ou ensinam por livros diferentes.

—Parce-me que presumpção de saberem mais do que os outros não estão no caso de ter; quanto aos compendios sei que em algumas partes ja se ensina o latim por um compendio de historia sagrada e no dito *viveiro* ainda é por Eutropio; quanto ao mais tudo é o mesmo.

—E esse Eutropio é escriptor religioso?

—Nem elle, nem algum outro por onde ensinam. Do sorte que em um exame apresentasse, v. g., uma descompostura de Cicero, ou um queixume de Venus,

—E então quem vae aprender a evangelisar, não deve tambem saber descompor a um contrario o enternecer-se doante de alguma Venus queixosa?

—Capitão, nada de gracejos. São caprichos que não assentam n'uma classe onde se deve existir pureza de consciencia e rectidão de espirito; além disso causa injustiça a mocidade que se dedica a uma tal vocação e traz desgostos aos paes de familia.

—Pois os paes que destinarem seus filhos a esse ministerio, que os mande aprender no tal viveiro para evitar esses desgostos.

—Mas nem todos dispõe de circumstancias favoraveis da fortuna para isso.

E uma tal inexorabilidade não é condigna com a semente edificante e instructiva que elles dizem são encarregados de espalhar.

—Isso é verdade; mas os miraculosos e purissimos levitas não entendem assim.

—Na opinião delles somente os que são seus discipulos são aptos e intelligentes!

—Isso assim não é justiça.

Definição do ciume.

SONETO.

Ciume é uma dôr que de repente
No humano coração se gera e cria,
Quando o objecto de sua sympathia
Nos braços de outro vive alegremente.

Aquelle que o padece fortemente
Sempre trata a razão com tyrannia;
A prudencia despreza, e só se guia
Pela justa vingança facilmente.

Esta dôr chega a ser tão grande e forte
Que dóe e abraza como um vivo lume,
Que por allivio faz pedir a morte.

Produz no coração fatal negrume,
Que parece gangrena, e desta sorte
Julga-se enfermo ser, mas é ciume.

—Será valida a approvação de um estudante, na qual funcionou seu proprio pae, examinando-o e votando?

Pedro-Sa.

—Quiz V., maganão, arranjar dinheiro para a festa e usou de uma esperteza.

—Não diga isso, capitão.

—Nem outra coisa se pode dizer.

Pegar em um cascalho, chrismal-o com o nome de relógio de ouro patente, rifal-o por um dinheirão e quando quem tirou-o vae examinal-o dizem-lhe que o mais que pode valer é 10\$ rs., que nome tem sinão uma bem estudada esperteza?

—Recursos da vida.

—Pois eu acho que foi logro que pregou, trapaga, que fez com quem deu seus dez tostões por um bilhete.

Sr. Martins, são cousas que não lhe assentam; V. um moço empregado no negocio.

Quanta coisa em Latronopolis
Que me faz ficar pasmado!
Gato andando no poleiro,
Cavallo pelo telhado.

Do proprio filho um galleno
Que exerce o professorado,
Sendo examinador
P'ra poder ser approvedo.

ANNUNCIOS.

Associação Typographica Bahiana.

A mesa provisoria d'esta associação convida a todos os Srs. typographos, livreiros e lytographos a se reunirem em assembléa geral, no domingo 27 do corrente, ás 10 horas da manhan, na sala do Monte-Pio dos Artifices, ao becco do Arcebispo, afim de discutirem o projecto de estatutos elaborado pela commissão para tal fim eleita. Bahia 22 de novembro de 1870.— O 1.º secretario, Joaquim Cassiano Hyppolito.

Os herdeiros da finada Theodora dão 200\$ rs. a quem prender e deitar na Correção a escrava Francisca, fugida ha muito. Consta ter ido agora para o Rio de Janeiro deixando nesta cidade os filhos Joanna e Umbelino, cabra escuro, baixo, que se intitula de forro.

Fugiu da casa do general Muniz Tavares, seu escravo crioulo de nome Pedro: quem o prender conduza a casa de seu senhor, que será recompensado de seu trabalho.

Na casa de pasto Guerrilha sita á rua do Julião n. 18 tem uma carta vinda da Feira para entregar-se ao Sr. Francisco da Silva Cordeiro, estudante nesta capital.

O proprietario do botequim á rua Direita do Collegio n. 11, offerece mocotó e vinho gratis nas noites de sabbado, para as pessoas que se divertirem no vispora, e nos dias uteis diversas ignarias, logo que haja reunião.

O doutorando Symphronio Olympio dos Santos Lima tem uma carta em mão do cobrador desta typographia, o Sr. Maximino, contendo dentro 78\$500 para lhe ser entregue em mão propria.

Typ. de Marques, Aristides & C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª

SABBADO 26 DE NOVEMBRO.

Ns. 720—721.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
25 de novembro de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, chamando sua attenção para um immundo e nauseabundo corrego de esterco e tijuco, o qual desembocando do sobrado n. percorre a ladeira da Conceição, infecionando o ar com a pestilencial exhalação, que desprende.

Espera-se que a Illma. em beneficio da salubridade e aceio publico mande intimar ao respectivo proprietario para encanar o referido corrego.

A tripolação do *Alabama* cobre-se de crepe em signal de sentimento pela morte de seu immediato o Sr. João Ignacio dos Santos Barbosa.

No dia 24 do corrente passou aquella existencia a habitar a mansão da verdade.

Ainda no domingo andou na rua bom e na quarta feira era cadaver!

Deus lhe dê a paz eterna.

—Reduziram esta ladeira do *Pau do Estandarte* á cloaca!

Quando o sol esquentar, não se pode transitar por ella com o horrivel fedor que enjoa.]

—Essencia de amoniaco. São os empregados da *casa do thesouro*, que ajuntam a urina e despejam pelas janellas.

—Mijam por borra! A rua fica alagada e o fedor tresanda a causar engulhos.

—Que juizo faz V. de semelhante procedimento destas moças?

—Que é muito indigno.

—Tambem eu penso assim.

—A velhice tem direito a ser respeitada.

—O velho Gaudencio, guarda policial, por sua idade avançada, está neste caso e por suas qualidades, não merece ser maltratado.

—E' cousa que não assenta em moças; dar encapellação em quem passa.

—Lá isso passaremos, si não fosse acompanhada de galhofadas.

—A casa em que moram é telha-van e com toda facilidade estiraram o braço para judiar do pobre ancião.

—Ou pensarão que isto aqui no Caminho Novo do Gravata é algum arrabalde, onde possam com ampla liberdade fazer das suas?

—De qualquer forma é mau offender aos mais.

—Será verdade, capitão?

—Si não fôr mentira, é.

—Que trata-se de organizar uma companhia para formar-se viveiros de peixes nas grandes lagoas, que com qualquer chuva se formam em algumas ruas desta cidade?

—Si já temos dentro della caçadores que caçam pelos arredores, como sejam o Tororó, Fonte Nova, etc., não será para extranhar que venham pescadores.

—Bom será que isso vá avante.

—Enquanto a policia parece resonar, os larapios não descançam.

—Quem lhe perguntou?

—Quando chamo *larapios* a uma certa classe cuja industria é desferrolhar as portas que seus donos deixam trancadas, fazer uso dos pés de cabras, alavancas e gazúas, ou nas carteiras que se encontram nas algibeiras dos particulares, não pretendo com isso estomagar aquelles outros senhores, que não podem deixar de estar com as mãos enterradas nos cofres publicos.

Não, não se zanguem estes ultimos senhores por eu não chamal-os larapios. Os seus feitos são muito mais grandiosos, e seria amesquinhal-os querendo dar-lhes tão pifia denominação.

—Capitão, sobre o caso do um defloramento que deu-se ha dias n'um hotel desta cidade, communicam-me algumas particularidades, as quaes si são exactas, entra nel-

las grande somma de cynismo e protervia.

—V. que não é bahu, vá dizendo o que ouviu.

—O sujeito é casado e tem quatro filhos.

—Que peccado!

—Foi ao hotel e alugou um alojamento inculcando-so de passageiro.

—Que moleque *treteiro!*

—Serviu se da irman para conseguir o libidinoso intento. Levou-a á casa da mãe da menina. que é na ladeira do Coqueiro, na rocinha do finado capitão Caboclo, e ensinou-a para que pedisse a esta, que deixasse sua filha ir passar o dia com ella.

—Tem peito como carangueijo! Servir-se da irman para uma patifaria!

—A mãe da menina comeu a arara e consentiu; o sujeito levou a para o hotel, onde foi saciar seu carnal deleite.

O caixeiro do hotel, que é inspector de quarteirão, tendo suspeitas do procedimento do pretendido viajante, deu parte ao subdelegado, o qual achando-se occupado em um processo, communicou ao delegado, que foi pegar os passarinhos no ninho, porque o melro tendo sahido voltara.

Filados, foi a menina remettida para as charidades.

—E o sujeito?

—Solto.

—Mau foi isso.

—Mas veja o que se chama coragem. Largou-se para o logar onde estava a menina recolhida, e authorisado pela mãe, tirou-a de lá e trouxe-a para a casa desta.

—Ainda não estava farto?

—E' de suppor que não; pois que até o dia 22, segundo dizem, foi visto frequentando a casa muito á fresca.

—Assim é muito menoscar!.... é fazer pouco caso, levar muito longe o desrespeito á lei.

—São particularidades que me informam.

Quanto a offendida, para dar ideia do que é ella, basta dizer que nascea pelas pedradas do Sinimbú.

—12 annos!

—Mas que gosto extragado este de seduzir uma creança, leval-a para um hotel e estrupal-a....

—E' o supra summum da depravação, é um acto de brutal lascivia, contra o qual a moralidade em brados reclama um correctivo, um exemplo severo.

—Grassa o furor dos raptos e desfloramentos.

—Já outro?

—Na freguezia de Sant'Anna; a filha de

um allemão foi raptada por um portuguez conhecido pelo José Nagô.

Na terça-feira á noite recebeu o subdelegado denuncia de um estrangeiro de que sua filha havia desaparecido de casa e indigitou o referido portuguez, como o deseneabeçador. A authority poz-se na pista do cujo e sabendo que elle tinha se feito de vela para a Boa-Vista, foi-lhe no encalce. A seduzida achava-se agazalhada na Munganga.

—Bem; agora o mais é o que está por fazer.

—Não acha que o subdelegado deve ter um elogio pela actividade que desentolveu?

—Que duvida; si a epocha é de se dar louvores a quem cumpre seu dever.

Lê-se no *Parahiba* de Guaratinguetá:

«FACTO VIRGEM.—Em dias da semana passada apresentou se ao delegado de policia desta cidade, Anna Maria de Jesus; queixando-se de que seu marido Benedicto de tal, vulgo *Guatambú*, todas as noites obrigava-a a amamental o deixando a em tal estado de prostração e debilidade, que por diversas vezes, ao levantar-se do leito, cahira por terra.

Ella e seu filho, creança tenra e rachitica, morreriam de fraqueza e de fome, a não serem os soccorros prestados pela Sra. D. Anna Jacintha Guimarães, em cuja fazenda depararam os recursos precisos para o seu restabelecimento.»

A PEDIDO

—Capitão, uma historia.

—Vamos a ouvir.

—Existiu em Latronopolis um logista, cuja nacionalidade era ignorada, zambro, bernioso, e que tinha um dente preto, no qual dizia elle ter soffrido um principio de gangrena, mas que fôra preservado de maior damno por meio de uma preparação de Yhuibarbo, gengibre e betel...

Esse logista de pernas cavernosas, tinha-se na conta de um perfeito Adonis, e morria de paixão por meninas de 12 a 13 annos de idade...

Um dia pela manhan, apparecendo-lhe em casa uma velha chamada Khanesch, que tinha uma linda neta de nome Hermininia, perguntou a elle si porventura tinha á venda uma certa droga, —ao que respondeu o logista, que não, mas que lhe daria cousa equivalente ou talvez melhor.

Então o logista segredou ao ouvido da avô de Hermininia e foi mettendo-lhe na mão uma perola, um diamante, ou uma rubim, dizendo por fim á meia voz, que com aquelles emme-

nagogos preciosos ella conseguiria curas admiraveis; depois accrescentou que elle era um homem muito charitativo e que por isso appareceria á noite para ver o estado da formosa doente, a quem se atrevia a curar com os olhos um pouco parecidos com os de certo sapo que no Brazil chamam *cururú*; mas que era preciso que a menina ficasse sosinha no quarto, ás escuras, e que não tivesse medo de *genios* por mais travessos que fossem...

A velha Khanesch recebeu a dadiua do logista e mais umas peças de finissimos estofos com que elle presenteou-a, e marcou ao *cavernoso* ás 7 horas da noite para a visita cabalistica ou ante-aphrodisiaca.

O logista, apenas a velha sahio, tratou de ver se tornava branco o dente preto, no que empregou debalde duas horas e gastou duas libras de ingredientes; depois mandou pedir a um sapateiro da visinhança umas encospias e nellas mettu as gambias defeituosas, operação que durou tres horas, mas que nem por isso endireitou as mal-aventuradas cavernas do logista. Depois disso, tratou de tomar um banho, extraordinariamente aromatico, e para isso procurou entre os seus vidros uma porção de essencia de rosas, mas como andasse enlevado, enganou-se desastradamente e derramou no seu banho de odalisca um frasco inteiro de espirito de amoniaco!

E só deu pelo *qui pro quo* quando pôz-se a patinhar dentro da encrme bacia de estanho e a fungar como quem estranhava o cheiro... O logista trata então de sabir tristemente do banho para substituil-o por outro mais proprio, ou que encobrando-lhe o forte bodum, o tornasse cheiroso, como a flor querida da princeza Nour-Djinhan.

Indo de novo aos ricos depositos de panaceas, afinal sacou d'ali um grande vidro de legitima essencia de rosas e então foi vasallo todo n'um cantaro d'agua nova, que havia mandado deitar na bacia de estanho.

Neito isto, entrou para o banho rescendente, no qual conservou-se por espaço de uma hora.

Sabido da bacia e enxugado n'um amplo cobertor de lan de cabras do Thibet, tratou de preparar se definitivamente para ir ao mysterioso passcio e para isso pediu ao creado, armenio de nação, que lhe trouxesse a melhor fatiota da sua guarda-roupa, emquanto ia elle mesmo procurar a mais superfina pomada para untar com ella as crespas melenas.

Nesse momento o seu *caiporismo* faz timbre de tornar-se fatidico; a sua má estrella parece que se encarrega de advertil-o que será muito mal succedido no bote que armara á

incauta donzella—por quem lambia o seu dente preto, delle logista.

Em vez de pomada tira da prateleira de sandalo uma latinha de triaga com que vae besuutando o seu topete; estava embevecido nos sonhados gosos, e não via o que estava fazendo,—mas afinal acordou da seisma romantica.

Oh, desgraça!

«Diabos me levem!» bradou furioso o *intriagado*.

«Diabos me levem! Realmente estou hoje levado da breca... *encasfado*... *caipora* á toda prova!»

«Dá-me agua e sabão, filho das serras, onde parou a barca de Noé!»

O logista põe-se de cocoras á espera do creado, dando tempo a que fosse cumprida a ordem que trovejara espumando de raiva.

Apparece o creado e diz ao desgraçado amo que a *caneca* tinha-se evaporado de casa.

«—Como é isso?»

«—Não ha com que tirar agua na jarra; senhor.

«—Ah!... Eu pensava... estou até estúpido; eu que aliás não me troco por qualquer doutor... Traze-me agua, demonio! seja no que for!»

Depois de alguns instantes o creado satisfaz ao impertinente amo, trazendo-lhe uma bacia com agua, sabão e toalha; as melenas *intriagadas* foram postas de molho afinal, por espaço de meia hora.

Lavada a cabeça, tratou o logista de pentear-se com toda a cachimonia; não querendo mais saber de pomada alguma, e contentando-se apenas com um pouco de espirito odorifero, composto de varias e fragrantas flores.

Veste-se afinal, com todo esmero, e sahe ao lusco-fusco, todo empavesado como si fosse alguma nau da carreira da India, ao largar de Belém, á vista do rei venturoso.

Lá vae elle... lá vae o logista libidinoso com a esperanza horrenda que lhe dá azas de vampiro, com o fogo do inferno no coração, que transbordando de maldade nauseabunda,—dá-lhe forças para animar-se a ir tentar o alto feito de que se ufana de poder ser em breve o decantado heroe. (Continúa.)

Resposta.

Sr. redactor.—Vimos registrado na sua conceitnada folha um artigo em que o nosso sexo recebe mais uma prova das bondades, que os homens nos dispensam; pedimos a V. queira publicar a justa recompensa de tão pensado escripto.

Si amor com amor se paga, parece-nos esta vingança muito justa.

Permitta, Sr. redactor, que guardemos o incognito, o quo fazemos para om tudo imitarmos o espirituoso antagonista.

Lá vae:

O homem—é arvore que não dá fructo.

O homem—é espirito de contradicção.

O homem—é gato que negacêa.

O homem—é rato destes de armario.

O homem—é trovão que a todos atroa.

O homem—é macaco nas suas meiguices.

O homem—é caxorro si se vê despresado.

O homem—é leão si vê que é amado.

O homem—é o symbolo da ingratição.

O homem—si ama é fogo de palha.

O homem—si é amado é tigre voraz.

Emfim—

O homem é bicho

Tão desastrado,

Que p'ra servir

Só despresado.

Z.

Pede-se a uu grande estúpido, burro e ignorante que haja de declarar qual foi a philarmonica que no domingo 6 do corrente tocou o reis. Si não declarar, hei de pedir a S. Gabriel para me mostrar em sonhos.

O Carqueija.

Communicado.

Fazendo abstracção da rethorica e suas flores, procurando a verdade pura e simples, deixando de parte as bonitas asserções dos publicistas de outr'ora, que tinham sua razão de ser, as bonitas demonstraões para essa vida commum; attendendo somente pelo que lemos e vemos nos acontecimentos passados e presentes, vemos tambem infinitas cousas, bellas e más.

A Prussia, outr'ora ducado de Pozen, constituiu-se em reino, ha cem annos pouco mais ou menos, e depois de constituida, na actualidade brigou com a Dinamarca e tomou-lhe terrenos; brigou com a Allemanha do Norte e a submetteu a forma de seu modo de governar, e presentemente dá abraços na Allemanha do Sul. (Serão apertados para a subjuagar?)

Desconfia do procedimento da França, por que ella brigou, ha dous seculos com a Allemanha. (A Prussia não briga?)

Não presta fé ao pensar do povo francez, porque varia muito. (Quererá a Prussia reformar a indole e a natureza do povo francez?)

Prende ou fez prender um homem (Jacob) porque fallou uma verdade, que todos reconhecem, embora não declarem, e que ella propria em consciencia tambem ha de reconhecer.

Conhecia-se que era inimiga outr'ora do im-

porador Napoleão, e hoje é seu amigo, como deu a conhecer em seus escriptos.

Affiança que por sua parte não se deve temer cousa alguma.

Pergunta-se: quaes são as bazos solidas para nella se erer firmemente? Será nos seus feitos em relação á Dinamarca, á Allemanha do Norte e Sul? Será na prisão do homem?

E' preciso que se saiba que a Prussia tem muita candura.

Em Roma, S. Santidade protesta contra as violaões, usurpaões e embustes do rei italiano, por lhe arrancar o que recebem dos seus antecessores: declara que não tem presentemente independencia para reger o mundo catholico.

Pergunta-se: Christo quando andou no mundo era rei? Seus apóstolos depois de sua morte foram reis? tiveram authoridade civil para processar, prender, e matar? tinham exercitos ás suas disposiões? as suas forças consistiam ou não na sua humildade, bondade e charidade?

Pergunta-se ainda: A religião catholica, apostolica romana é e executa-se tal qual escreveram S. Marcos, S. João, S. Matheus em seus evangelhos?

Todas as nações civilisadas teem suas constituiões mais ou menos desenvolvidas: suas bazos repousam no bello e sublime, na justiça e no direito; suas essencias agradam a todos, e todos as abraçam; porem na pratica si as executa fielmente? Cremos que não, e como assim não se pratica, apparecem as guerras.

Pergunta-se: as causas das guerras serão as ambiões, a mentira, o orgulho, a fatuidade? Cremos que sim.

A França tem sido sempre a primeira em destruir esses cancos, que se occultam debaixo da capa dos homens da lei. E' verdade que ella acarreta desgostos, inconveniencias, desequilibrio para si e para todos; porem ella marcha, e sem duvida ha de marchar, porque parece que a Providencia a escolheu para o guia do progresso da humanidade em sua missão neste valle de lagrimas.

Viva a Franca! marcha, destroe, embaraça, anniquila esse terrivel flagello da humanidade.

O calmo.

VARIÉDADES.

Panegyrico de S. Dinheiro.

Pecunia totum circumdat orbem.

Com dinheiro farás o que quizeres.

(E' DO LIV. DE PLUTO CAP. 1.º)

Ha no mundo, queridos ouvintes, uma potencia respeitavel, mais poderosa do que a

tiara de Pio 9.º, antes das tropas italianas entrar em Roma, mais temivel do que o poder de Bismark, que tem mais cortejos e bajulações do que o czar da Russia.

Essa potencia, é bella como Cleopatra, como Aspasia, como Lais; é sabia como Salomão, como Socrates, como Platão; é eloquente como Cicero, como Demosthenes; não tem defeitos, não tem imperfeições, não tem manchas; é brilhante como o sol; é mais doce, mais terna do que a lua;—essa potencia, queridos ouvintes,—é o dinheiro.—*Pecunia totum circumdat orbem.*

Ficade quietos, senhores, por que eu fallarei dessa divindade com todos os respeitoos que lhe são devidos.

Santo Dinheiro, inspira-me, para que eu possa annunciar vossas grandezas, vossas proezas. Senhores, é em nome d'elle que peço a vossa attenção; escutae-me que serei breve.

DISCURSO.

Desde a mais remota antiguidade, segundo é opinião dos historiadores antigos e modernos que o reinado do dinheiro se estabeleceu no mundo.

Tudo morre, senhores; *omnia pereunt*; a foice da morte a nada poupa, nem á virgem que repousa a fronte no seio do amante, nem ao guerreiro que parece haver encadeado a vida na robustez de seus membros. O poeta falla deste modo:

Tudo perece,
Murcha a belleza,
Foge a firmeza,
Esfria o amor,
Mas o dinheiro
Zomba da sorte
Não teme a morte.

E' uma verdade, senhores; a morte, a propria morte não pode ainda dar o baque no dinheiro.

E sabeis, senhores, de que é elle capaz? que prodigios realisa?

Escutae—

O dinheiro torna sabio ao ignorante, lindo como o sol a quem é feio como uma noite de escuro; ante elle desaparecem a austeridade do character, a probidade á toda a prova, o patriotismo o mais apurado, a virtude a mais consolidada! *Oh! prodigia prodigiorum!*

Qual a belleza que não cede a esse engodo?

Havia no Egypto, senhores, uma mulher bella como uma fada, mas severa como um dragão. Jupiter enamorou-se della; raios, ameaças, supplicas, lagrimas, tudo foi baldado; a virtuosa dama metteu-se em uma torre que não tinha portas nem janellas. Mas um dia, senhores, Jupiter fez chover ouro, e

imediatamente o dragão se transforma em submissa rôla, que se deixa levar pelas garras da aguia do Olympo. Isto quer dizer, senhores, que a tal rapariga teve um filho de Jupiter.

O magistrado affectando severidade cahê ante esse idolo, com tanto que se saiba dar-lhe.

Dae cem mil reis, é um insulto e vos tangem pela porta afora. Dae um conto de reis e vos voltarão as costas. Mas mandae de presente, dez, ou vinte, ou cincoenta e ainda que a vossa causa seja a mais escandalosa do mundo, vós tereis os louros da victoria conseguidos a poder de ouro—*Quid non mortalia pectora cogis. . . auri sacra fames!*

Nada ha, senhores, que o dinheiro não possa realizar; seu poder é sem limites, estende-se pelo mundo todo—de um até outro polo.—*Circumdat orbem.*

E si nada ha melhor como possuil-o, tambem a desgraça maior é não tel-o.

Portanto vós outros que não tendes recheadas as algibeiras, procurae enforcar-vos, por que sem dinheiro a vida é mil vezes peor que a morte.

Vós não tendes direitos, nem regalias, si sois bonitos, sereis tidos como horriveis; si sois virtuosos e honestos vos chamarão malucos e doudos; si em alguma questão reclamardes vossos direitos, vos darão bordoadas, vos atirarão no hospital dos doudos.

Sois verdadeiros pariás, sois animaes de carga, porque emfim sois pobres.

Ricos do mundo, vós sois os felizes da terra, *felices mundi*; vós sois a gloria de Israel; não ha limites a vosso poder; tudo está nas orbitas de vossas attribuições. Dae facadas ou esmollas, sêde o flagello do mundo, ou a estupidez personificada e tereis estatuas, que se não levantam aos grandes heroes.

Santo Dinheiro, a vós me dirijo: sou vosso humilde servo; meu senhor, de vós espero tudo. Sois grande, sois poderoso, sois invencivel; que nunca me falte vossa graça, para que possa com o vosso auxilio fazer parte da communhão dos felizes deste seculo.

Amen.

O Dr. Alipio adorava apaixonadamente D. Rosinha, linda filha de um negociante que todos suppunham quasi millionario.

Mas não era pela riqueza do pae que o Dr. Alipio amava volcanicamente a bella moça, e tanto não era que em uma de suas cartas escrevera este pedacinho: «—Rosinha, era força que tivesses algum defeito; e para o meu amor tens um... mas um só—é o seres filha

de um homem rico—si fosses pobre serias perfeita.»

Apezar deste gravissimo defeito do D. Rosinha, o Dr. Alipio sujeitou-se a pedil-a em casamento, e obteve o suspirado sim.

Mas, quando menos se esperava, o pae da noiva, o negociante supposto quasi millionario fez ponto no commercio e achava-se perdido, quebrado e rebentado.

Oh! disse comsigo Rosinha, Alipio vae achar-me perfeita.

E na manhan seguinte recebeu e abriu com anciedade um bilhete do noivo.

O bilhete dizia assim:

«Rosinha—Visto teu pae fazer ponto no commercio, eu me despeço de ti com reticencias no amor.—Alipio.»

D. Rosinha em vez de desatinar com a petulancia do ex-noivo, tomou a penna e escreveu:

«Alipio—Agradeço-te a despedida com tres pontos de admiração na experiencia.—Rosa.»

Desengano da vaidade.

—Ah, Julia!... que malditas sardinhas! alem de me haver engasgado com a espinha, estou me sentindo indigesto...

—Que queres que eu faça, Lulú; a diaria não dá nem para camarões!... tu ganhas tão pouco!...

—Ah! battem... quem será?

Entra logo depois o Dr. Americo, que namora a cunhada do Lulú; mas que é advogado sem clientes, e que suppre as miserias da banca da advocacia com os productos nocturnos do lasquinet, cujas leis secretas sabe ás maravilhas.

—Doutor!.. deveria ter chegado uma hora mais cedo; jantaria comnosco: comemos hoje estupendo bijupirá!...

E eu que adoro o bom peixe! tivemos equal appetite; jantei com um amigo no hotel, regalei-o e regalei-me com sôpa de tartaruga e sioba inexcédível!

Ah! o Dr. Americo na vespera tinha perdido ao jogo e nesse dia acabava de jantar triste e sosinho em sua casa tambem sardinhas fritas, que mandara preparar.

Este mundo é assim, todo elle anda cheio de bijupirás e de siobas de ostentação e de sardinhas em realidade. E' por isso que tanta gente se engasga, esbarrando emfim com os desenganos da vaidade.

—Floriano é casado com D. Carlota, moça bonita e vaidosa.

Floriano ama á Carlota, e tem ás vezes seus ciumes d'ella; mas desgraçadamente apaixonado do *lansquenet*, esquece, abandona com frequencia a esposa noutes inteiras.

D. Carlota é tão boa que nunca se queixa das longas ausencias, e apenas ri dos ciumes do marido.

Um dia Floriano veio a saber que nas noutes de jogo, uma senhora viuva, amiga de D. Carlota, vinha fazer-lhe companhia até a meia noite, trazendo sempre comsigo um irmão, o seu *Juca*, joven de vinte e dous annos, sentimental, tafúl e amavel.

O marido jogador ficou furioso, e entrando em casa chamou a mulher á contas.

D. Carlota era *ingenua*: confessou a verdade sem tremer nem corar.

—Mas és tu que mandas avisar á tua amiga quando eu vou jogar?...

—Sou eu mesmo... sempre...

—E porque?... com que fim?...

—Ah!... tu me deixas sosinha tantas horas da noute, que para passar o tempo sem saudades de ti, me pareceu de bom conselho, que, emquanto jogas fora, eu me distraia em casa.

—Deveras?... e te distrahes muito com a tua amiga?...

—Muito.

—E com o *Juca*?

—Ainda mais.

A ingenuidade de D. Carlota martyrisava o jogador.

—Como te distrahes com a tua amiga? perguntou Floriano.

—Conversamos.

—E com o *Juca*?

—Ah! com elle é melhor; cantamos ductos das operas mais sentimentaes.

—Não quero mais isto!... exclamou o marido.

D. Carlota pareceu admirada e disse:

—Ora!... e eu que pensava que tu o querias!...

—Como? porque?...

—Julguei que um marido que abandona sosinha em casa noutes inteiras sua mulher, sendo bom, como tu és para mim, deseja naturalmente que ella, para não morrer de tristeza, procure divertir-se.

—Não quero mais isto!... repetiu Floriano.

—Em tal caso, meu querido, em vez de ir passar tantas noutes fora a jogar com os teus amigos, fica em casa jogando comigo.

Dedicação de uma ave.

O *Journal de Constance* refere o seguinte:

«Na occasião do desembarque do primeiro de zuavos, chegado á Marselha no *Scamandre*, todos notaram um falcão pousado sobre a mo-chila de um soldado.

A historia desta ave contada por um official é a seguinte:

Pertence ella ao clarim Verrier, que a apanhou em Djebel-Amour, na ultima expedição de Marrocos, commandada pelo general Marmier.

Mais de uma vez esta ave suppriu a expedição com meios alimenticios.

• É quando o batalhão recebeu ordem para embarcar-se em Argel, o clarim apesar da viva saudade que lhe separava do falcão, deu liberdade a seu fiel companheiro.

Depois de tres dias de marcha do batalhão, já ninguem se lembrava da ave, quando, no acampamento de Ben-Chicão, appareceu ella no ar, e descendo rapidamente veio pousar novamente sobre a mochila do seu antigo senhor.

Uma proclamação geral acolheu-a, e decidiu se que a ave faria a campanha da Prussia.

Reflexões poeticas.

O tempo já está mudado,
Mudou-se toda estação,
Hoje já nascem meninos
Com uinhas de gavião.

Gasta o homem generoso
O dinheiro a largos passos,
O sovina desgraçado
Apenas chupa bagaços.

Trabalham uns noite e dia,
Outros vivem na viola,
Outros vivem rapinando,
Outros fazem carambola.

Um quer passar por valente,
Outro foge só d'um grito,
Um quer peixe de escabéxe,
Outro só quer peixe frito.

Um diz muitas parvoices,
Outro cala o seu saber,
E' um gosto ver dous homens
Começando a discorrer.

Diz um doutor que o doente
Precisa fazer sangria,
Outro diz que elle está fraco,
Que tome caldos de gia.

A mulher e a noite.

A mulher e a noite mutuamente se favorecem, como se entre ellas tivesse havido mysterioso conchavo.

A' noite, mais formosas são as mulheres, e tambem em meio dellas mais bellas são as noites.

Diz a noite ao homem: dorme; diz-lhe a mulher: sonha.

E' cheia a noite de mysterios, assim como a mulher ante a realidade.

Lisongeiam umas a nossa vaidade e as outras os nossos sentidos.

Atravez desse vidro magico, que nos põe a noite adiante dos olhos, vemos as cousas mui differentes do que na realidade o são: o mesmo succederá a aquelle que olhar pelos olhos da mulher.

A noite tira-nos a luz, e as mulheres nos cegam.

Nada é mais terrivel do que uma noite de insomnia, nada tão cruel como uma mulher que nos não deixa sonhar.

Consiste a maior belleza da noite no veu que a cobre: assim como está no pudor a maior belleza da mulher.

A noite derrama sobre nós o balsamo que nos reanima as forças; derrama a mulher em nosso espirito o sentimento, que nos vivifica o coração.

Diz-nos uma: vive; diz-nos a outra: ama.

A noite conduz o homem para casa; a mulher o attrahe para o seio da familia.

Vê-se a noite em toda a parte; o mesmo acontece com a mulher a quem se ama.

Pouco a pouco nos envolve a noite; assim como pouco a pouco nos vae dominando a mulher.

Sombra do ceu é a noite; assim como é a mulher a sombra de nossa alma.

Quereis um retrato fiel da noite?

Fechae as portas e as janellas e em meio de vossos aposentos surgirá a noite.

Quereis um retrato fiel da mulher que amaes? Fechae os olhos e vereis debuchar-se perfeitamente a sua imagem em vosso coração.

Rodeia-nos de sombras a noite para que possamos vel-a; assim como de puras illusões nos rodeia a mulher para que á ella somente amemos.

Abysmam se os olhos nas trevas; assim como o coração na ternura de uma mulher.

Cobre a noite de orvalho a terra por onde passa, e a mulher de lagrimas a estrada da vida.

Si não houvessem noites sem estrellas, viveria o homem; e si não houvessem mulheres, qual seria então a estrellas do homem?

Saudades.

Eu tenho saudades, quem é que não sente
Dos lares ausente, da terra louçan?

Eu tenho saudades, quem é que não ama
Os entes que chama de mãe e de irman?

Eu tenho saudades do vallo, do monte,
Do lago, da fonte de meu patrio ninho,
Aonde cantando, sorrindo, contente,
Vivia innocente, brincando sosinho.

Eu tenho saudades, quem é que s'osquece
Da matinal prece nas lindas manhãs,
Que surgem formosas n'um ceu estrellado,
Vermelho, corado qual flor do roman?

Eu tenho saudades das lindas estrellas,
Luzindo tão bellas aos centos, á mil,
Tão vivas, brilhantes, quaes tochas accesas,
Unidas, tão presas na cup'la d'anil.

Eu tenho saudades, quem é que não sente!
Dos lares ausente, a vida o que vá?
Que rôla sem ninho não geme saudosa?
Que rosa não murcha deixando o rosal?

Eu tenho saudades, quem é que não sente
Dos lares ausente, da terra louçan?

Eu tenho saudades, quem é que não ama
Os entes que chama de mãe e de irman?

Março de 1870.

Chagas Rosa.

Aos ladrões de gallinha.

ANEXIM.

*A gallinha da vizinha
E' mais gorda que a minha.*

Regra é muito seguida,
Eu não sei porque artinha,
Ser por muitos cobiçada

A gallinha da vizinha.

A razão é comesinha:

Todos tem-na já filada,
Por não ser enzinabrada

E' mais gorda que a minha.

Recelta do sertão.

Inxundia de gavião
Com banha de sapo assado
E' bem bom p'ra namorado
Que se mette a ser pimpão.

Clister de pimenta e cinza,
Fomentações de correia,
P'ra mulheres de capona
Que indagam da vida alheia.

P'ra quem padece erysipella,
Ou tem dores na virilha,
Uze do alcatrão e cebo
Na perna feito rodilha.

P'ra glotão que indo a baile
Ainda leva p'ra casa,
Pasteis da beira da praia
Depois que a maré vasa.

ANNUNCIOS.

O doutorando Symphronio Olympio dos Santos Lima tem uma carta em mão do cobrador desta typographia, o Sr. Maximino, contendo dentro 787500 para lhe ser entregue em mão propria.

Associação Typographica Bahiana.

A mesa provisoria d'esta associação convida a todos os Srs. typographos, livreiros e typographos a se reunirem em assembléa geral, no domingo 27 do corrente, ás 10 horas da manhã, na sala do Monte-Pio dos Artifices, ao becco do Arcebispo, afim de discutirem o projecto de estatutos elaborado pela commissão para tal fim eleita. Bahia 22 de novembro de 1870.— O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

Attenção.

O abaixo assignado tendo recebido o activo e passivo do botequim ao largo do Theatro, para seu pagamento e dos credores que accionaram o seu devedor João Dias de Andrade, faz publico que a elle fizera entrega da lista dos devedores do citado botequim *Café do Club*, para cobrar todas as dividas por sua conta e responsabilidade. Bahia 26 de novembro de 1870.— *José Eulalio Barboza d'Almeida.*

Attenção!

Na casa de pasto a —Guerrilha— na rua do Julião n. 18, recebem-se assignantes para fornecer-se comedoria da mais bem preparada que se pode apresentar, para o que tem contractado o afamado cosinheiro Gregorio, que serviu nos principaes hoteis do Rio de Janeiro.

Aluga-se na propriedade n. 3 á rua Direita do Commercio, uma sala para escriptorio ou deposito de mercadorias. Quem pretender dirija-se ao Alexandre da banca, em Santa Barbara, que la achará com quem tratar.

Ama de cosinha.

Precisa-se de uma: á tratar no largo do Theatro, por baixo da Recreativa.

No hotel Oito de Outubro, ao Caes Dourado n. 91, continua-se a receber assignantes para fornecimento de comida por mez, e por modico preço. Ratificamos que não accetamos de qualquer negociante da praça quantia adiantada.

Todos os sabbados haverá mocotó gratis, e feijoada nas quinta-feiras de meio dia ás 2 horas.

O preço da collecção do vispora é a 200 rs. Concorram todos ao nosso estabelecimento, que serão tratados com a urbanidade do costume.— *Macedo & C.*

Precisa-se nesta typographia de um distribuidor.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª

QUARTA-FEIRA 30 DE NOVEMBRO.

N. 722.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
29 de novembro de 1870.

CIRCULAR aos directores de collegios e casas de educação.—Tendo-se dado ha dias o facto altamente immoral de um individuo raptar uma moça, leval-a para uma hospedaria e ali estrupal-a, e constando que o referido individuo costuma leccionar em algumas casas de educação, cumpre que Vms. por maneira nenhuma consintam que elle continue a exercer o professorado nos seus estabelecimentos, por ser incapaz, pelo seu reprovado procedimento, de desempenhar a importante missão de preceptor da mocidade.

(No mesmo sentido aos paes de familias, em cujas casas porventura ensine particularmente.)

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo que se digne providenciar, de maneira energica e vigorosa, como se lhe reconhece, contra os constantes e repetidos furtos de burros e cavallo, bem como a destruição d'estes por meio de aggressivos ferimentos, por uma certa e determinada quadrilha de ladrões, que se acoitando nas immediações da freguezia de Brotas, como se presume, empregam ali as suas correrias e na povoação do Rio Vermelho, de sorte que algumas pessoas tem ficado sem seus animaes, os quaes são vendidos onde bem lhes convem, e outras esperam por sua vez.

A policia bem administrada e dirigida, é uma salva-guarda dos direitos e da propriedade individual, e uma garantia de sua estabilidade; por isso roga-se a S. S. que, com o interesse do seu cargo, se sirva de recomendar aos subdelegados de Brotas, Itapoan, Matta de S. João, Monte-Gordo, Santo Amaro de Ipitanga, Pirajá, Passé, Cotegipe, etc., e sob suas responsabilidades, o exame e o emprego de meios coercitivos, pelos quaes se possa conhecer os differentes e suspeitos conducto-

res de taes animaes, que transitarem por esses logares, e o seu direito a elles, para o fim de poderem ser descobertos esses ladrões tão ousados, quanto animosos, que até quasi no coração da cidade exercem a sua devastadora industria, com prejuizo alheio, e sem receio de serem punidos pelas leis do paiz.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do 1.º districto da Penha, pedindo-lhe que prohiba o Sr. Narciso de conservar solto no seu alambique, ao Porto dos Tainheiros, um formidavel cão, que investe sobre as pessoas que passam por defronte do mencionado alambique, o qual cão, em um d'esses dias, mordeu a um menino, neto de uma senhora moradora n'aquellas immediações, de nome Martinha. Espera-se providencia.

Portaria ao fiscal geral, dizendo-lhe que na ladeira da Misericordia, um pouco mais abaixo do sobrado n. 29, no de n. 33, existem igualmente tacos com plantas sobre as janellas, o que é summamente arriscado nessa ladeira tão transitada, e uma das tres que põe em communição o centro da cidade alta com a baixa, pelo que cumpre que S. m. dê um giro até ali e faça sua obrigação. Cumpra.

—Recebi communição da freguezia de Brotas.

—Eu dou-lhe os parabens, meu capitão.

—Acha que ha motivo?

—Então V. Ex. já não tem policia secreta n'aquella localidade?

—Ainda não, meu rapaz.

O nosso agente ali, de cuja actividade hei de sempre me lembrar com saudades, deixou-nos com o mais secco desamor, e anda agora a desculpar-se com a gente d'aquellas paragens que nunca esteve ao serviço de bordo, nem forneceu noticias; não sabe elle que na secretaria do navio existem apontamentos dados com sua lettra, os quaes podem ser mostrados a quem queira se acapacitar.

—Está uma com que talvez elle não contasse.

—Cousas que ficam do parte; o carcassa quer se justificar e anda se agarrando a tôas d'aranha.

O que se trata agora é de novidades.

—Toca a V. Ex. fallar.

—Informam-me que houve ali uma facada.

—Logo um facto sinistro!

—No sabbado, por volta de 10 horas da manha, José de tal, com venda no Acù, foi á porta de João da Silva Mendonça e feriu o com uma punhalada.

—Oh, que destino furibundo!

—A desavença foi por causa de 1\$380 rs. que José era credor de João, cuja irman é *ca-seira* d'aquelle.

—Cunhados por conseguinte.

—José escreveu a João exigindo o pagamento de sua divida, este respondeu que a occasião era impropria, pois que não tinha real; porem o vendelhão assentou de cobrar fazendo dessa resposta um *casus belli* e foi para a porta do devedor de punhal.

—Justiça mesmo da roça.

—E a não ser o ex-voluntario José Luiz da Rocha, os 1\$380 custariam a vida de um homem, pois que o aggressor estava feio e forte.

—Incontestavelmente deve estar preso.

—Assim como está V.

—Não diga, capitão!

—Até nem corpo de delicto fez-se.

Um curioso do logar tratou do ferimento e... Deo gratias.

—E o subdelegado?

—Disse que não havia medico no logar.

—Mas como os medicos não são incumbidos da captura dos criminosos, essa falta não impedia a prisão do delinquente.

—Isso é que a informação, que me enviaram, não explica.

—Mas o chefe de policia não é de graças, estou certo que ha de exigir que o sujeito venha passar alguns dias no xilindró.

«—Dê cá o vintem!

«E o seu!

«E o seu!

«E o seu!

«Ande, remexa-se!»

—Quem é este sujeito? Que tanto vintem pede elle!

Para ser missa pedida, não é por termos tão impertinentes que se pede.

—E' o caxeiro do aceio da cidade.

—E o que significa esse exigente peditorio?

—Cada ganhadeira que se assenta aqui no Felourinho, paga um vintem.

—Deveras! Parâ fazer o que?

—Para varrer-se a quitanda.

—Que mamadeira!

Calcule-se termo medio, que assentam aqui todo dia 80 ganhadeiras.

—Eu digo que 200.

—Cada uma dando um vintem são 1\$600 rs. diarios, que em 30 dias montam a rês 48\$000!

—O que eu não sei é com que authorisação se lança assim illegalmente tributos sobre a população, como se força o povo a pagar o que não deve.

—Feliz empreza esta do cisco!....

Ainda que todas as ganhadeiras fossem assignantes da limpeza deveriam pagar 500 rs. mensaes e não um vintem por dia, que sahe a 600 rs.

—Systema do Para-assu; aluga as casas e recebe por dia até quatro vintens.

—Eu creio que é do contracto que a empreza é obrigada a trazer limpos os largos e praças.

—O chefe de policia é quem deve saber isso; o qual, ou não tem sciencia da extorsão, ou si tem, faz que não sabe.

—O Sr. Dr. Chefe de Policia acaba de praticar um acto que lhe dá muito direito a sinceros encomios.

—V. quando falla assim é coberto de rasão.

—O individuo que com o nome de José Luiz marchou d'esta cidade na 1ª companhia de zuavos e militou na campanha do Paraguay, e ultimamente achava-se preso na Correcção com o nome de Félippe, escravo de João Antonio Sampaio, fugido ha 15 annos do poder de seu senhor, motivo por que no dia 23 de outubro attentou contra sua existencia, dando um profundo golpe no ventre, foi hontem mandado pôr em liberdade por S.S.

—Sim, Sr., é um labeu de menos ao pun-donor nacional que S. S. evitou, uma desafronta aos brios da farda militar.

—Portanto, fica consignado que S. S. é cred r de um voto de reconhecimento.

—Eu nunca ouvi dizer que a fonte dos Barris fosse de dominio particular.

—Em todo o tempo foi considerada de propriedade publica.

—Sempre vi o povo desfructando-a livremente.

—O terreno onde está não pertence a ninguém.

—Mas hoje appareceu dono e ha quem cobre alli de cada lavadeira um vintem e de cada barril que se enche d'agua dez reis.

—Como a terra é do viva quem vence, cada um vai puchando braza para sua sardinha, logo que acha geito.

—N'este andar estou vendo que chega dia, em que ha de se pagar até para morrer.

—Meninos, venham dar lição.

Sr. Vicente, formo o diminutivo de Francisco.

—Xixi.

—O' burro! Xixi é diminutivo de Francisco, azemola?

—Adiante.

—Franciscosinho ou Francisquinho.

—Está ouvindo, bruto?

—Chegue as mãos para os bolos!

—Ai... ui... ai... senhor professor, pelo amor de Deus!

—D'aqui ha dous dias V. forma-se e diz asneiras semelhantes á esta, quando der alguma sentença.

Diga-me lá, quantas syllabas tem Vicente?

—Tem duas.

—Adiante.

—Tres.

—Quantas syllabas tem camello?

—Tres.

—Pois, burro. tantas syllabas tem Vicente como tem camello, ouviu, besta?

—Chegue as mãos! Pá... pá... pá... pá!....

Quantas syllabas tem Vianna?

—Duas.

—Adiante.

—Tres.

—Chegue as mãos! Pá... pá... pá... pá!...

—Ui... ai..., senhor professor.

—Quantas syllabas tem estúpido?

—Não responde?

Quantas syllabas tem Francisco?

—Quatro.

—Pois tantas syllabas tem Francisco como tem estúpido! Ande, meu fidalguinho de borra. venha para os bollos!

—Xi! ai! ui! meu professor do coração.

—Que bonito xiado tem V.!

Arre, canalha, estuda estúpido para não andares ás patadas!

Quantas syllabas tem venal?

—Uma.

—Eim? Adiante.

—Duas.

—Quantas syllabas tem burro?

—Duas.

—Pois tantas syllabas tem burro como tem venal.

—Chegue as mãos.

—Ai! meu professorzinho!

—Isto é para seu beneficio, porque d'aqui ha dias não teremos mais um burro de pergaminho.

Safa!

E assim vive um menino

A massar seu professor,

Podendo ser bom pedreiro,

—Não senhor, vá ser doutor.

Estamos por fim de contas

Nós com um doutor pedreiro,

Praticando sempre asneiras,

Da especie d'um sendeiro.

E depois passados tempos,

Si sua sorte assim quiz,

Pega-se n'um burro d'este,

—Vá ser vossancê juiz!

Sentem-se, o resto da lição fica para amanhã.

—Maldictos cinco bodes!

—Onde estão elles?

—São esses com que os açougueiros presenteam aos fiscaes.

—Ora... eu estava tão fora!...

—E' causá do povo comer carne! Fecham os olhos a tudo quanto é patifaria d'esses corvos do suor do povo; deixam vender carne até 5 horas da tarde, quando ella ja está azulada e fedorenta.

—O melhor não é comprar, para não pagar ao medico.

—Garantidos por esses agentes municipaes, elles sustentam o preço, e quem é mais pobre que espera que a carne *vire* ao meio dia, ha de compral-a pelo preço de demanhan, pois os carneceiros contando com a amabilidade dos fiscaes para venderem até a tarde, não abaixam.

—Em quanto os fiscaes não tiverem ordenado certo, hão de se dar muitas maganagens d'estas; do contrario os que forem restrictos hão de andar com a pelle na barriga e os que não forem, por força cederão as duras leis da necessidade.

—Uma moça deshonrada.

—A febre recrudece; os rapazes estão desabridos; serão effeitos do calor?

—Desta vez não se trata de rapaz; o negocio entende-se com um vulto já usado.

Um Sr. Fulano de tal Cunha, com marcenaria á ladeira da Misericordia, tomou para crear, desde a idade de seis annos, a menina Rosa Francisca de Jesus, nascida em 2 de agosto de 1855.

—Tem portanto actualmente 15 annos.

—Pode-se dizer que era sua filha.

No domingo indo vel-a sua mãe, Eduviges Francisca de Jesus, achou-a triste e chorosa.

Indagando-lhe a mulher o que tinha, declarou a menina que o Sr. Cunha a havia desflorado, dando-lhe antes disso bolos por

que ella não queria obedecer, apoz o que, ordenou-lho que cedesse, porque sua mãe era quem mandava.

—Por cima do mal um falso!

—A Sra. Edaviges como mãe, correu a participar a desventura de sua filha á authoridade, a qual mandou logo buscal-a e interrogou-a, e em seguida ao Sr. Cunha.

—Ora não vá o Sr. Cunha metter alguma *cunha* para safar-se da enrola.

—Com o actual subdelegndo da Sé não cola; si foi elle e houverem provas, por mais cunhas que metta não conseguirá calçar a broca.

—E' o que eu desejo.

E esse homem não tem filhas?

—Duas moças, e consta-me que a offendida declarara que uma dellas, de nome Virgínia, presenciara o acto e o stigmatizara.

—Ah, então, si o Sr. Cunha tem consciencia que praticou o mal, deve reparal-o, para evitar o proverbio — *quem com ferro fere, com elle será ferido*.

—Domingo, certo individuo, que si os nomes correspondessem ás physionomias não se chamaria *pinto*, queria com um punhal fazer da barriga de outro bainha da sua arma.

A policia que apparece nestes conflictos sempre tarde, chegou a tempo em que o Sr. Pinto atirava o punhal para dentro de uma venda e fazia-se de pôpa. O caso deu-se na rua da Larangeira.

—De sorte que isto aqui é uma aldeia. Cada qual que entende traz no bolso seu punhal para a primeira occasião!

—O mais bonito foi que no mesmo dia o sujeito, passeiava livremente.

A PEDIDO

—Que formidavel baque! Acudam-na!

—Não se envolva, não se envolva, que tudo aquillo é patifaria.

—V. não tem coração! Não tem pena de ver um acontecimento tão triste!

—V. como ignora o fundamento; por isso falla.

—O fundamento que eu vejo é uma mulher rolando como um fardo pelos degraus de uma escada até o patamar, e ali ficar sem se poder mecher, e com a cara arrebetada.

—Empurrada por alguém, accrescente.

—Mais essa!

—Sabe o que quer dizer tudo isso?

—Como, si agora estou chegando?

—Ciumada, comborceria; de ordinario, os mensageiros por serem bem mandados são sempre que pagam as favas.

—Está o que eu ignoro.

—Pois sei eu. Yaya *Minú* por ciúmes de Sr. *Janjão* mandou por esta escrava descompor a descendente de Sara, que mora n'esta casa,

—Ah, é judia!

—A escrava desempenhou a commissão com grande maestria de lingoa, mas em paga de sua ousadia, teve de medir os degraus.

—N'este caso a mulher abjurou a religião de seus pais.

—Como assim?

—Hoje não é sabbado?

—Todo dia.

—E' o dia em que aos judeus não é permitido fazer mal a seus semelhantes.

Entretanto ella atirou uma mulher pela escada.

—Ora! Sr. *Janjão* tem mais força para ella que toda religião de Moysés.

—Que *Janjão* dos peccados, que é o alvo de semelhantes contendas, que encheu a rua *Torta* de povo!

Pede se ao Sr. Firmino Leite que admoeste ao seu caixeiro, o menino Jacintho, a que comporte-se bem, afim de evitar casos que trazem desgosto, como o que se deu em um destes dias.

Pensamentos.

Só deseja revolução

Quem quer trepar, ou ser gavião.

Quem dorme nos braços do inimigo

A sua vida põe em perigo.

A mulher que é ciumenta

Vive em continua tormenta.

Com bom custo se descobre

Tutor para orphão pobre.

Amisade com doudo e com cigano

Vem por fim a causar damno.

ANNUNCIOS.

Atenção.

Na rua Direita de Santo Antonio além do Carmo, n. 50, precisa-se alugar dous moleques de 10 a 12 annos de idade para carregar caixinhas.

Vende-se um deposito de massas com duas portas de frente na rua de D. José, quem pretender dirija-se Primavera atrás da Sé n. 54.

Brevemente serão publicados por este e outros jornaes os nomes de diversos individuos, que teem cartas na loja de calçado de Luiz de Oliveira Vasconcellos.